

JUAN CARLOS CARVAJAL BLANCO
RAFAEL SANTOS BARBA

HISTÓRIA, CARISMA E
ESPIRITUALIDADE DA
PONTIFÍCIA OBRA
MISSIONÁRIA DA
SANTA INFÂNCIA



Publicado por
Secretariado Internacional
Pontifícia Obra da Santa Infância



JUAN CARLOS CARVAJAL BLANCO

RAFAEL SANTOS BARBA

HISTÓRIA, CARISMA E
ESPIRITUALIDADE DA
PONTIFÍCIA OBRA
MISSIONÁRIA DA
SANTA INFÂNCIA

Publicado por
Secretariado Internacional
Pontifícia Obra da Santa Infância



Juan Carlos Carvajal Blanco - Rafael Santos Barba
HISTÓRIA, CARISMA e ESPIRITUALIDADE da
PONTIFÍCIA OBRA MISSIONÁRIA da SANTA INFÂNCIA

© Secretariado Internacional
Pontifícia Obra da Santa Infância
Via di Propaganda 1/c
00187 Roma
e-mail: vati176@poim.va

Capa

Primeiro prêmio no concurso organizado pelo Governo do Estado indiano para estudantes surdos.

Helen Keller Home, Kollapuram, Diocese de Kumbakonam, Índia

Todos os direitos reservados

Terminou a impressão em Janeiro de 2022

ÍNDICE

Apresentação	3
I.- FUNDAMENTO DA OBRA DA SANTA INFÂNCIA ..	7
1.- Contextualização	7
2.- O caminho para a fundação	8
2.1.- Um clima de efervescência missionária	8
2.2.- O fundador	9
3.- Fundação e definição da Obra	13
4.- O relacionamento com as outras POM.....	19
4.1.- Os papas, as POM e a Santa Infância	19
4.2.- Articulação da Santa Infância nas POM.....	21
4.3.- A Infância Missionária e as demais Obras	23
II.- CARISMA DA SANTA INFÂNCIA OU INFÂNCIA	
MISSIONÁRIA.....	27
1.- Obra com carisma.....	27
2.- Sob o patrocínio e exemplaridade do Menino Jesus ..	30
2.1.- “O adorável filho de duas naturezas”	30
2.2.- “Devolver às crianças seus	
direitos negligenciados e adicionar privilégios”	33
a.- “Dos que são como crianças é	
o reino de Deus” (Mc 10,14b)	35
b.- “Recebe aquele que me enviou” (Mc 9,37)	38
c.- “Os seus anjos estão sempre vendo	
a face do meu Pai Celeste” (Mt 18,10).....	42
d.- “Uma criança pequena te guiará ...” (Is 11,6)	44
e.- “... e estava sujeito a eles” (Lc 2,51)	48

III.- ESPIRITUALIDADE DA SANTA INFÂNCIA OU INFÂNCIA MISSIONÁRIA.....	53
1.- “Batismo acima de tudo...”.....	53
1.1.- Missão do batismo e da educação cristã.....	53
1.2.- A salvação e o caráter integral da evangelização	57
2.- O Batismo, dom para a Obra da Santa Infância	59
2.1.- Catecumenato batismal e catecismo de inspiração catecumenal	60
2.2.- Discípulos missionários	63
3.- A contribuição para a missão das crianças e adolescentes da Infância Missionária...	65
3.1.- Oração.....	67
3.2.- Esmola	69
3.3.- O estilo de vida cristão	70
4.- Infância espiritual, espiritualidade própria dos animadores da Infância Missionária.....	72
4.1.- Chamados a trilhar os caminhos da infância espiritual.....	73
4.2.- Alguns elementos da infância espiritual	75
 Conclusão.....	 81
 Autores	 83

Apresentação

“Infância Missionária, ou seja, aquelas crianças e jovens – e são tantos, em vários países do mundo – que se comprometem a rezar e oferecer as suas poupanças para que o Evangelho seja proclamado àqueles que ainda o não conhecem.”¹

A Obra da Santa Infância ou Infância e Adolescência Missionária é uma das quatro Obras Missionárias Pontifícias e provavelmente a mais difundida e mais conhecida.

Um estudo profundo das suas origens, do seu carisma, dom do Espírito Santo ao Bispo Charles de Forbin-Janson, e da sua espiritualidade ajuda-nos a compreender melhor o conteúdo educativo desta Obra, o seu papel na missão evangelizadora da Igreja e a sua relevância hoje, quase 180 anos após a sua fundação e 100 anos depois de se ter tornado Pontifícia.

Conhecê-la para a apreciar mais e para a atualizar em cada contexto.

É uma Obra para crianças, com crianças e de crianças que recorda à Igreja o que ela é e o que deve ser segundo a sua vocação e identidade; é de certa forma a sua consciência.

A especificidade da Obra da Santa Infância é a de tornar discípulos de Jesus, um tema sempre presente e o objetivo último de toda a vida cristã.

Este texto do Professor Juan Carlos Carvajal e de Rafael Santos Barba, rico em análise histórica e reflexão teológica pastoral, apresenta a amplitude e profundidade da Obra, como uma Obra evangelizadora, destacando também o seu aspeto profético com

¹ Papa Francisco, *Angelus* de 6 de janeiro de 2022.

a referência à Santa Infância de Jesus, o Filho de Deus, que se tornou uma criança.

Jesus, o Enviado do Pai, é o centro da Obra. A sua pequenez é um exemplo a ser imitado.

Nas referências ao Fundador e aos seus escritos devemos considerar a linguagem e o pensamento desse tempo e o seu contexto, e não podemos julgar com a linguagem de hoje.

Por exemplo, quando se fala da eficácia e necessidade do batismo para a salvação e, portanto, da necessidade e preocupação de libertar/resgatar do pecado o maior número possível de pessoas e crianças através do sacramento. O termo resgate é agora obsoleto na esfera eclesial, mas o seu conteúdo deveria ainda hoje ser nossa prioridade, tal como foi do Bispo Charles de Forbin-Janson, que estava preocupado com o facto de muitas crianças que morrem sem receber o batismo não irem gozar da redenção obtida por Jesus Cristo.

Assim também, a utilização do termo infieis em relação a todos aqueles que não foram batizados. Não deve ser entendida de forma depreciativa, mas com um sentimento de interesse pessoal pela salvação dos outros.

Um ponto específico sobre “a Escola de Jesus” referida no texto. É uma tradição na Obra da Santa Infância. É um itinerário apresentado há cerca de vinte anos pelo Secretariado Internacional da Obra e utilizado em muitos países, com as adaptações necessárias aos contextos e à passagem do tempo, para a formação e animação de grupos de crianças e adolescentes missionários e dos animadores. É um caminho que segue a pedagogia de Jesus com os seus discípulos.

Espero que estas páginas nos ajudem a saborear a frescura da
Obra da Santa Infância e o empenho que ela propõe não só às
crianças e adolescentes, mas a todos os adultos que estão direta
ou indiretamente envolvidos na mesma.

Irmã. Roberta Tremarelli
Secretário Geral
Pontifícia Obra da Santa Infância

I.- FUNDAMENTO DA OBRA DA SANTA INFÂNCIA

1.- Contextualização

O que hoje conhecemos como Obra da Infância Missionária, ou pelo seu nome original Obra da Santa Infância, é, segundo a data da sua fundação (19-V-1843), a segunda das Pontifícias Obras Missionárias. Ser uma destas Obras significa fazer parte daquela “rede mundial de oração e caridade missionária do Sucessor de Pedro”², com traços particulares que lhe conferem personalidade: dirige-se às crianças e lhes proporciona a experiência de que ser cristão é ser ativo e viver efetivamente a missão da Igreja; que é participar no dar e receber a missão,³ na vida de comunhão das Igrejas na Igreja (isto é, viver a catolicidade). Especificamente, esta Obra torna operacional o seu lema geral, “As crianças ajudam as crianças”, que deve ser entendido mais precisamente como “As crianças evangelizam as crianças.”

É conveniente situar a Infância Missionária no quadro geral das Pontifícias Obras Missionárias para compreender o seu significado histórico na Igreja e, a partir da Igreja, no mundo. Esta Obra é, em sentido estrito, a primeira iniciativa global a favor das crianças, antecipando a primeira declaração

² FRANCISCO, *Carta ao Presidente das POM em ocasião da Assembleia Geral dos Diretores Nacionais das Pontifícias Obras Missionárias*. (29-V-2019).

³ Cf. JOÃO PAULO II, *Carta encíclica Redemptoris Missio* (7-XII-1990) 85.

dos direitos da criança (Declaração de Genebra, 1924) por mais de oitenta anos e mais de um século antes da criação do Unicef (1946). Mas a Infância Missionária não é apenas “fermento” evangélico pelo seu caráter pioneiro; também é assim por causa de seu caráter único e bastante incomum. Desde a sua fundação, as crianças não são espectadores, são protagonistas. Eles não são destinatários, são agentes da missão. Isso manifesta uma visão não restritiva da promoção humana, pois a Obra busca, a partir do Evangelho, promover o desenvolvimento integral de todos os pequeninos do mundo. É impressionante ver que tantas crianças - com necessidades infinitas - não são atendidas apenas graças à mobilização missionária de outros meninos e meninas, mas elas mesmas se tornam atores da missão.

2.- O caminho para a fundação

2.1.- Um clima de efervescência missionária

O contexto histórico e social de fundação desta Obra é o da França após a Revolução de 1789-1799. É precisamente neste momento de ambiente antirreligioso e anticlerical que o Espírito faz florescer vários carismas, incluindo vários especificamente voltados para a missão. Os próprios missionários franceses, através da comunicação com a sua pátria, relataram as dramáticas situações que encontraram, com que se defrontaram com meios inversamente proporcionais à sua fé. Seus pedidos de ajuda criaram um clima que alimentou

o desejo de ajudar a missão “por trás” e que teve como selo a inspiração que a venerável Paulina Jaricot recebeu para iniciar a Obra de Propagação da Fé (fundada em 1822), a primeira das quatro Pontifícias Obras Missionárias. Foi a ela que o Espírito manifestou o carisma essencial de participar na missão universal através da oração e da caridade. As demais Obras expressaram essa inspiração de maneiras particulares e complementares.

2.2.- O fundador

Participou desta efervescência missionária e foi animador dela o Bispo de Nancy, D. de Forbin-Janson. Charles de Forbin-Janson⁴, o segundo filho de uma família de alta nobreza francesa, nasceu em Paris em novembro de 1785. Quatro anos depois, a Revolução Francesa forçou seus pais ao exílio na Alemanha; isso o levou a experimentar perseguições e inseguranças na própria infância, e permitiu-lhe manter sempre uma harmonia particular com as crianças, especialmente com os mais pobres e deserdados.⁵

⁴ Acompanhamos de perto a breve resenha biográfica publicada na CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS – PONTIFÍCIAS OBRAS MISSIONÁRIAS (2019), *Batizados e enviados: a igreja de Cristo em missão no mundo. Mês Missionário Extraordinário. Outubro 2019*, Milão, São Paulo, 228-231. A primeira nota biográfica sobre ele foi escrita por seu sucessor na sede de Nancy: MONS. MENIAUD (1846), “Notice sur Mgr de Forbin-Janson Évêque de Nancy et de Toul, Primat de Lorraine”, *Annales* 1, 4-21. Para um conhecimento maior, remetemos sua biografia, cf. Paul LESOURD (1944), *Un grand cœur missionnaire, Monseigneur de Forbin-Janson 1785-1844, Paris, Ernest Flammarion*.

⁵ Cf. LESOURD, 9-18.

Depois de retornar a Paris e receber sua primeira comunhão, o adolescente Forbin-Janson revelou grande sensibilidade caritativa ao se inscrever em uma associação que ajudava os mais desfavorecidos em prisões e hospitais. Na capela do Seminário de Missões Estrangeiras de Paris, onde aconteciam os encontros, ele ouviu notícias sobre a missão na China. Assim, de forma simples, a missão abriu espaço em seu coração. Charles tinha uma carreira promissora pela frente, pois Napoleão o havia nomeado superintendente do Conselho de Estado. No entanto, a dor pela descristianização do seu país, a falta de sacerdotes e a sua incapacidade de se adaptar aos desafios do seu tempo o fizeram sentir o chamado de Deus ao sacerdócio. Em 1808 ingressou no Seminário de Saint Sulpice em Paris. Lá, junto com um grupo de colegas, ele amadureceu a ideia de ir para a China. Em 1811 foi ordenado sacerdote e, depois de algumas designações iniciais, logo retornou a Paris, onde cuidou com alegria da formação cristã dos filhos de sua paróquia.⁶

Você quer servir ao Senhor onde quer que Ele o chame. Ele ficou dividido entre ir para a China ou ficar na França para colaborar na evangelização. Com a intenção de fazer este discernimento, encontra-se com o Papa Pio VII, que o orienta para a sua permanência no seu país. Colabora fervorosamente com a “Obra das missões para o interior da França”, que é aprovada (9-I-1815) para revitalizar a fé de sua nação. Neste período, destaca-se pelo ardor e eloquência apostólica, mas também pelo amor e generosidade. É surpreendente como, em suas expedições apostólicas,

⁶ Cf. LESOURD, 18-23.

compartilha seus bens com os pobres. Nesta época, a sua proximidade com as missões estrangeiras foi mantida a ponto de ceder uma propriedade no Mont Valèrien, perto de Paris, para ser um lugar de descanso e retiro dos missionários e para a promoção da devoção à Santa Cruz para a cidade. Essa fase termina com a sua partida para a Terra Santa em 1817, onde visita os Lugares Santos e realiza alguma outra atividade missionária.⁷

Em 1824, Charles de Forbin-Janson foi consagrado bispo de Nancy e Toul, no nordeste da França. Convencido de que a missão ao interior da França está intimamente ligada às missões estrangeiras, mantém contato muito próximo com os missionários que lhe escrevem e pedem ajuda. Ele próprio acalenta a ideia de ser missionário na China. Quando em 1830, por razões políticas causadas por uma nova revolução, foi forçado a deixar sua diocese, viu a oportunidade de realizar seu sonho. Ele então foi ao Papa para pedir-lhe que o enviasse ao Extremo Oriente. No entanto, embora Pio VIII tenha concordado com seu pedido, seu desejo não pôde ser realizado. Perante a impossibilidade de entrar na sua diocese e de poder realizar o seu sonho, o Bispo de Nancy entregou-se - nas palavras do seu biógrafo - à “eloquente e ardente atividade apostólica”.⁸

O bispo de Forbin-Janson tem a reputação de pregador apaixonado; é também conhecido dos bispos missionários, que sabem da sua disponibilidade para responder ao apelo da missão. A ocasião se apresenta quando os bispos da América

⁷ Cf. LESOURD, 24-45.

⁸ Cf. LESOURD, 47-165. A expressão é do título do capítulo IV, onde é revisto o período 1830-1839.

do Norte o chamam para pregar em suas terras. Lá sua atividade apostólica é fabulosa. Em pouco mais de dois anos (1839-1841), percorreu grande parte dos Estados Unidos e Canadá; participou do conselho regional de Baltimore; pregou as “missões populares” nas muitas cidades para as quais foi chamado; promoveu lugares de formação para o clero. Por meio de intérpretes, semeia a semente do Evangelho entre as tribos nômades; em Nova York promovem a construção de uma igreja para os católicos de língua francesa... Essa atividade frenética vai exaurir sua saúde, que terá seu preço em poucos anos. Enquanto isso, seu desejo de criar uma base para missões cresce.⁹

Após seu retorno à França, nos primeiros meses de 1842, o arcebispo de Forbin-Janson visitou a Santa Sé para relatar sua viagem missionária ao Papa Gregório XVI - que a ponderou extraordinariamente - e para discutir seu retorno à diocese de Nancy. As circunstâncias políticas não pareciam propícias para que isso fosse possível. Essa situação foi decisiva para que um antigo projeto se tornasse realidade. Em sua mente e em seu coração a oração que, em uma carta de 16 de outubro de 1837, o padre Mouly, Lazarista, superior da missão de Peking, havia escrito. Depois de dar notícias sobre as muitas crianças - e principalmente meninas - na China - que morreram abandonadas ou assassinadas, sem mesmo poder receber o batismo, com estas palavras ele expressou seu desejo:

“Oh, espero que um dia a Providência tenha misericórdia dessas pobres criaturas e lhes dê um coração terno e paternal em outro São Vicente de

⁹ Cf. LESOURD, 166-206. Também, MENJAUD, 13-16.

Paulo. Se a Europa sentiu pena dos enjeitados, também um dia terá pena dos que estão na China: este é um dos meus votos mais fervorosos”.¹⁰

3.- Fundação e definição da Obra

Com essas preocupações e no seu retorno à França, no verão de 1842, Dom Forbin-Janson passou por Lyon para se encontrar com Pauline Jaricot, com quem se relacionava desde que ela fundou a Obra para a Propagação da Fé aos vinte anos. Assim, além de cumprir as etapas prometidas aos bispos americanos perante o Conselho Central da Obra, em diálogo com Pauline, seu projeto começa a ganhar corpo. O seguinte texto do próprio Bispo de Forbin-Janson pode resumir o conteúdo fundamental dessa entrevista:

“Para libertar da morte uma multidão de crianças nascidas de pais infiéis, que o capricho ou a miséria, as superstições e a barbárie mais asquerosa e desnaturada destruíram às centenas de milhares, seja nas águas dos rios e nas profundezas do mar, sejam

¹⁰ Parte da carta, incluindo a oração, é transcrita pelo próprio Mons. de Forbin-Janson; cf. MONS. FORBIN-JANSON (1844), “Noticia del Ilustre Señor de Forbin-Janson sobre la obra de la Santa Infancia”, em: CONSEJO CENTRAL DE LA SANTA INFANCIA (1906), *Manual de la Santa Infancia que contiene los principales documentos relativos a su institución a su organización y a los favores espirituales con que está enriquecida. Destinado especialmente para los Directores y Celadores de la Obra*, Paris, Oficinas do Conselho Central, 118-119. Na nota da página 119, cita a referência da dita carta: *Anales de la Congrégation de la Mission*. Paris, 1838. Cf. LESOURD 207-221.

comidos por cães e porcos; sobretudo para abrir, através do batismo, as portas do céu ao maior número possível destas pobres criaturas, privadas desde o nascimento do amor paterno; preparar um meio seguro e eficaz para regenerar nações idólatras, dando uma educação cristã àqueles que podem ser salvos da morte, e depois fazer dessas crianças resgatadas instrumentos de salvação, como professores e professores, médicos e parteiras, catequistas e até padres indígenas e Missionários, tal é a ideia que durante muitos anos preocupou o Bispo de Nancy, a ideia que ele julga deve ser fecunda, digna de ser proposta à caridade católica.”¹¹

A intenção que o guia para projetar a nova obra é que as crianças da Europa se interessem pelo destino das crianças chinesas e promover a sua colaboração para o seu resgate através de um duplo gesto: a recitação diária da Ave Maria, seguida de uma ejaculação, e a oferta de um centavo por mês; a que se acrescenta um espírito de mortificação pelo bem daquelas crianças. Este trabalho foi concebido com caráter integral; Não só procurou resgatar da morte os filhos de pais infiéis para lhes dar condições de vida aceitáveis, mas também visou treiná-los humana e cristãmente, em uma série de centros, para que se tornassem esses novos Moisés que, resgatados das águas, foram os libertadores e evangelizadores dos seus próprios povos. Em suma, tratava-se de criar uma Propagação da Fé “infantil”. Paulina Jaricot incentivou esse propósito e facilitou a cristalização do projeto do Bispo de

¹¹ FORBIN-JANSON (1844), 109-110.

Nancy. A partir desta conversa, o Bispo de Forbin-Janson entusiasmou-se com a ideia e, até ao fim dos seus dias, dedicaria todos os seus esforços e bens para tornar esta obra missionária uma realidade.¹²

Antes de partir, e em cumprimento à promessa feita em sua viagem à América, ele realizou, perante a corte inglesa, algumas providências a favor dos deportados no Canadá e na Austrália, a fim de facilitar seu retorno a seu país. A Obra da “Santa Infância” - referente à infância de Jesus - é fundada em 19 de maio de 1843. Nessa data, o Bispo de Nancy reúne a primeira Comissão, composta por grandes personalidades eclesiais e sociais, com a comissão de apoio a nova Obra com sua fama e autoridade. Para que a iniciativa se difundisse, ele a promoveu junto ao episcopado francês e viajou para a Bélgica, onde recebeu o apoio dos reis e do nuncio, Dom Gioacchino Pecci, futuro Papa Leão XIII.

Desde o início, a Obra da Santa Infância foi bem recebida, no entanto, ele logo encontrou dificuldades em fazer com que os bispos franceses o promovessem em sua diocese. Temia-se que esta nova Obra rivalizasse e enfraquecesse a da Propagação da Fé, que tão bons frutos vinha dando. Diante desses obstáculos, no dia 8 de dezembro de 1843, o Bispo de Forbin-Janson enviou uma circular aos Vigários Apostólicos dos países de missão, na qual explicava os objetivos da Obra e a organização que tinha naquela época. A Providência fez, após a morte do seu fundador, poucos meses depois, a extraordinária recepção desta carta para promover a consolidação da Obra.¹³

¹² Cf. LESOURD, 221-227. Também, MENJAUD, 13-16.

¹³ Cf. LESOURD, 227-240.

O bispo de Nancy logo percebeu que, para que a Obra da Santa Infância se desenvolva e cumpra a missão para a qual foi concebida, seu caráter auxiliar e complementar com a Pontifícia Obra para a Propagação da Tentativa de eliminar suspeitas, Dom de Forbin-Janson escreveu uma longa nota aos Conselhos de Lyon e Paris para a Propagação da Fé, na qual, contra qualquer espírito de competição, expressou seu desejo de que a Infância Santa seja reconhecida como seção infantil da Obra Materna, um auxiliar Trabalho que permaneceria subordinado a ele.¹⁴

A intenção que guiou a Santa Infância foi a de agregar novos esforços caritativos aos que já se realizam a favor da missão, desta vez desde as crianças. Criar um “fundo especial e diferente” para resgatar e atender, de forma permanente, as crianças afetadas que fugiram para a Obra Geral.¹⁵ Estabelecer casas de formação nas quais eles sejam cuidados e educados de maneira cristã; casas que, por sua vez, se tornaram pontos de chegada e saída dos missionários e locais onde se preparam para uma missão mais adaptada aos vários territórios.¹⁶ E, por fim, que era um pool de novos assinantes e vocações missionárias que enriqueciam a Obra de Propagação da Fé.¹⁷ A proposta não encontrou a recepção esperada. A partir desse momento, a Obra da Santa Infância iniciou o seu próprio caminho, embora sempre com espírito de colaboração com a Obra que a inspirou.¹⁸

¹⁴ Cf. LESOURD, 240-250.

¹⁵ Cf. FORBIN-JANSON (1844), 124-125.

¹⁶ Cf. FORBIN-JANSON (1844), 121-124.

¹⁷ Cf. FORBIN-JANSON (1844), 129.

¹⁸ Poucos anos depois e após o falecimento do seu fundador, o órgão oficial da Obra assinala as semelhanças, enquanto as diferenças, que mantém com

Logo depois, a Santa Infância avança a passos de gigante. É que parece surgir uma espécie de equilíbrio que, em 23 de dezembro de 1843, o bispo de Forbin-Janson envia aos associados¹⁹: os bispos começaram a acolhê-lo; mesmo os não-crentes o reconheceram como "um meio poderoso de civilização"; também se estende para fora das fronteiras francesas; inúmeras famílias inscrevem seus filhos no batismo; também desperta o interesse das famílias protestantes... Os efeitos positivos da Obra não se fazem sentir apenas nas terras de missão; também contribuem para elevar o espírito de piedade e sacrifício nas sociedades cristãs. Em 13 de março de 1844, foram enviados os primeiros fundos para a China, de que se beneficiaram 11 vicariatos apostólicos. Poucos meses depois, no dia 19 de maio, por carta do Cardeal Fransoni, Prefeito da Propaganda Fide, a Santa Sé aprovou o princípio da nova Obra e sua valiosa colaboração nas missões; no entanto, indicou alguma dificuldade quanto à concordância com a Obra de Propagação da Fé.²⁰

Para mostrar a necessidade e importância da Obra e para organizar o seu funcionamento, quatro meses antes da sua morte, o Bispo de Nancy anunciou a criação - que se realizou em 1846 - dos Anais da Obra da Santa Infância. Este periódico também foi concebido como um sistema de "troca de correspondência" entre crianças cristãs e seus irmãos em terras de missão. Ao longo dos anos, os relatos dos Vigários de ditos

a Obra da Propagação da Fé. Também manifesta o espírito de colaboração que deve reinar entre ambas Obras. O texto aparece sem assinatura embaixo do título: "Coup d'œil sur l'œuvre de la Saint-Enfance", en *Annales* 1 (1846), 21-65.

¹⁹ Cf. LESOURD, 254-272.

²⁰ Cf. LESOURD, 275-277.

territórios sobre as obras realizadas com as doações recebidas, bem como o testemunho cristão das crianças resgatadas, que até deram a vida para testemunhar a sua fé em Cristo, representaram um grande estímulo para o crescimento da Obra.

O bispo Charles de Forbin-Janson morreu perto de Marselha em julho de 1844, quando a Santa Infância tinha apenas um ano e meio. Não conseguiu realizar o sonho de viajar para a China, uma vez lançada a sua Obra, nem chegou a ver as expedições das freiras que, a partir de 1847, e segundo outra intuição sua, cuidariam maternalmente dos mais desfavorecidos, filhos das missões.

Com a morte do seu fundador - aquele que a promoveu e endossou - a Obra da Santa Infância vive um período de incertezas.²¹ Apesar de sua difusão, sua organização burocrática e administrativa está em sua infância; nenhum bispo foi encontrado para substituir o Bispo de Forbin-Janson na presidência; ele ainda é vítima de mal-entendidos e receios...; mesmo Roma, além de uma avaliação positiva de sua inspiração, não fez um ato explícito de reconhecimento. No entanto, as inscrições aumentam consideravelmente, os Vigários Apostólicos pedem a sua ajuda e os Superiores das Congregações Missionárias mostram-se interessados por ela. Parece que, através das dificuldades, a Providência empurra para que a Obra prossiga e cumpra os seus objetivos. Poucos meses depois, o Arcebispo de Calcedônia, Dom Pierre-Dominique-Marcellin Bonamie, SS.CC., assumiu a Presidência da Obra. Ele o recebe cumprindo a promessa que fez ao Bispo de Nancy antes de sua morte e sabendo que as dificuldades que

²¹ Cf. Sem assinatura : “Coup d’œil sur l’œuvre de la Saint-Enfance”, en *Annales* 1 (1846), 36-42.

o Cardeal Prefeito da Congregação da Propaganda Fide lhe expressou eram administrativas e circunstanciais.²² Os primeiros frutos da Obra e a sua evidente complementaridade e colaboração com a da Propagação da Fé bastaram para lhe abrir definitivamente o caminho.²³

4.- O relacionamento com as outras POM

4.1.- Os papas, as POM e a Santa Infância

O então Papa, Gregório XVI, encorajou assim D. de Forbin-Janson no seu empenho para iniciar a Santa Infância: “Continue fundando a Obra. É verdadeiramente obra de Deus. Você tem a nossa bênção”. Estas palavras antecipam muitas outras com as quais sucessivos pontífices apoiaram e recomendaram esta iniciativa, que Pio IX aprovou e elevou à categoria de instituições canônicas pelo breve *Quum Aetate Qualibet* (18-VII-1846). Este documento faz notar que, longe de qualquer competição com a Obra de Propagação da Fé, esta das crianças acaba por ser uma preparação e ajuda daquilo:

²² Circular do Arcebispo de Calcedonia, presidente da Obra da Santa Infância aos Associados da obra (Maio 1845)
<https://books.google.es/books?id=RJKoK2ZJg1EC&pg=PA1&lpg=PA1&dq=1%27archev%C3%AAque+de+calc%C3%A9doine,+sainte-enfance&source=bl&ots=yIbhrPyif&sig=ACfU3U3svTU0CD71YLiIJWs4XqkNLcrGvQ&hl=es&sa=X&ved=2ahUKEwiVlrOSprbrAhWQmBOKHT3FAvkQ6AEwAHoECAEQAO#v=onepage&q=l'archev%C3%AAque%20de%20calc%C3%A9doine%2C%20sainte-enfance&f=false>

²³ Cf. Sem assinatura : “Coup d’œil sur l’œuvre de la Saint-Enfance”, en *Annales* 1 (1846), 43-65.

“Pela mesma razão que a primeira centelha da caridade acende no coração das crianças e os penetra com os verdadeiros sentimentos de uma misericordiosa compaixão, inflama e os encoraja de modo a buscar a salvação das almas e difundir a luz do verdadeira religião, que estas crianças sejam naturalmente preparadas em uma idade mais avançada para se afeioar com maior carinho com a piedosa Obra de Propagação da Fé”.

Bento XV recomendou a Obra na sua Carta Apostólica *Maximum Illud*, a “Magna Carta” das missões modernas (1919), e Pio XI insistiu nisso, na Carta Encíclica *Rerum Ecclesiae* (1926). Quatro anos antes da publicação desta encíclica, o mesmo “Papa das Missões” havia reconhecido a Santa Infância como Obra “Pontifícia”, juntamente com a da Propagação da Fé e a de São Pedro Apóstolo; Ele o fez por meio do Motu Proprio *Romanorum Pontificum*, datado de 3-V-1922. Por fim, foi Pio XII quem instituiu, com caráter universal, a celebração anual do Dia da Santa Infância, por meio da Carta *Praeses Consilii*, de 4-XII-1950.

Das tantas palavras louváveis sobre a Obra ou que lhe foram dirigidas pelos sucessivos pontífices, apenas mencionamos, pela simplicidade e proximidade da sua abordagem, algumas de São João Paulo II por ocasião do Ano Internacional da Criança. O Papa a seguir se referiu à Santa Infância ou Infância Missionária como "uma verdadeira rede de

solidariedade humana e espiritual entre os filhos do velho e do novo continente."²⁴

4.2.- *Articulação da Santa Infância nas POM*

É interessante observar as já mencionadas hesitações iniciais para identificar o lugar que a Santa Infância deveria ocupar especificamente em relação à Propagação da Fé. E é muito necessário contemplar a iniciativa carismática que está na origem da Obra Infantil para compreender que por fim percebeu-se que não se tratava de uma espécie de “ramo infantil” da Propagação da Fé (embora fosse algo como sua “irmã mais velha”), mas sim uma Obra com características próprias que tornou necessário individualizá-la.

Pio XI já oferece uma formulação clara do lugar da Santa Infância nas Pontifícias Obras Missionárias. Na já citada *Rerum Ecclesiae* lê-se:

“Junto com a Obra de Propagação da Fé, há duas outras Obras, a saber: a da Santa Infância e a do Apóstolo São Pedro, que, por serem pontifícias, deveriam ser auxiliadas preferencialmente com doações e esmolas. a todas as outras associações de propósito privado. O primeiro, como é sabido, visa habituar os nossos filhos a cooperar, através das suas propinas, sobretudo na salvação e na educação cristã das crianças pagãs, dilaceradas, graças a elas, pela morte.”

²⁴ Cf. JOÃO PAULO II, *Mensagem aos responsáveis da Pontifícia Obra da Infância Missionária em ocasião do Ano internacional da criança (10-IV-1979)*.

Pouco depois, recomendando-as, refere-se a estas duas Obras, dizendo delas que “são justamente chamadas complementares a outra mais principal”, isto é, da Propagação de a Fé, da qual seriam auxiliares.

Este processo de esclarecimento levou o Pontífice a publicar finalmente o Motu Proprio *Decessor Noster* (24-VI-1929), “normas segundo as quais as Pontifícias Obras Missionárias se coordenam entre si, mas sem se fundirem em um todo homogêneo, pois acreditamos que cada uma delas conserva seus direitos e seus estatutos e se desenvolve de acordo com seus próprios fins”. Depois do tempo, e para a Obra que nos preocupa, o ponto de referência seria o “Regulamento da Pontifícia Obra da Santa Infância”, aprovado em 7 de junho de 1950 (Paris, 1951).

Em 1951, quando a então chamada União Missionária do Clero ainda não havia sido classificada como a quarta Obra “Pontifícia” (o que aconteceu por decreto de Pio XII de 28 de outubro de 1956, embora já tivesse sido coordenada oficialmente com as três primeiras Trabalha desde 1937), o Papa Pio XII fala dela como “a fonte que rega, como campos floridos, as obras pontifícias da Propagação da Fé, de São Pedro apóstolo para o clero indígena e da Santa Infância” (*Evangelii Praecones*, 64). Mais tarde, em 1966, São Paulo VI, citando uma passagem significativa do *Ad gentes* (n.38) sobre a prioridade das Pontifícias Obras Missionárias na animação e cooperação missionária, diz da Pontifícia União Missionária (nova denominação da quarta Obra) que “Não só é confirmado publicamente como instrumento oficial da Sé Apostólica para 'incurtir nos católicos desde os primeiros anos um espírito verdadeiramente universal e missionário', mas, sobretudo, deve

ser considerado como a alma das demais Pontifícias Obras Missionárias.” (*Graves et Increscentes*), que obviamente diz respeito, por sua vez, à Obra da Infância Missionária.

4.3.- A Infância Missionária e as demais Obras

Esta articulação das quatro Sociedades Missionárias mostra a necessidade de tornar operacional e funcional, em prol da missão única, a diversidade de aspectos que derivam das iniciativas carismáticas que pulsam em cada uma delas. Nesse sentido, é interessante ver brevemente o “lugar” da Santa Infância no aparecimento progressivo das Obras.

A participação de todos os fiéis na missão universal, facilitada através da cooperação material e espiritual graças à Propagação da Fé (fundada em 1822), deixa a porta aberta a uma tarefa educativa do que o adulto viverá depois: é o referido aspecto do acompanhamento da infância no “espírito verdadeiramente universal e missionário”, pedagogia que estará a cargo da Santa Infância (fundada em 1843). Esta Obra atenderá não só à formação dos filhos dos antigos cristianismos, mas àquela dos que foram recentemente incorporados à Igreja nos territórios de missão. Por isso, assumirá também a tarefa de promover as vocações indígenas, indicando uma área que mais tarde será especificamente dirigida pela Obra de San Pedro Apóstolo (fundada em 1889). Por fim, a Pontifícia União Missionária (fundada em 1916), dedicada à “formação dos formadores” missionários, tem uma palavra importante a dizer sobre os meios que a Infância Missionária pode utilizar, tanto os dirigidos diretamente às

crianças, como os destinados à preparação teológica e catequética (e “adequada” implica “missionária”) dos seus agentes pastorais.

Junto com essa visão “histórica”, é interessante destacar a “atualidade” do cenário das Obras. Para isso, a visão geral que oferece o número 4 da Instrução *Cooperatio Missionalis* (1º de outubro de 1998) da Congregação para a Evangelização dos Povos, cuja leitura ajuda a situar a Infância Missionária em todas as Pontifícias Obras Missionárias. Apenas mencionaremos que, ao sintetizar a finalidade de cada Obra, se diz da Infância Missionária que é “ajudar os educadores a despertar a consciência missionária aos poucos nas crianças; encorajá-los a compartilhar sua fé e seus bens materiais com seus semelhantes nas regiões e Igrejas mais necessitadas; e promover as vocações missionárias desde a mais tenra idade”.

O Estatuto das Pontifícias Obras Missionárias (6-V-2005), também publicado pela Congregação para a Evangelização dos Povos, o dicastério romano do qual dependem, é o ponto de referência atualmente em vigor. É imprescindível, portanto, fazer referência a ele, especificamente ao número 13d da Parte I, e aos artigos 13 a 18 da Parte II, dedicados à Infância Missionária (denominada pela sigla POSI). Destacamos apenas o papel atribuído a esta Obra para alcançar um sentido missionário que impregne toda a pastoral da infância (e, portanto, da pastoral familiar e geral): “a Obra deve integrar-se sempre na pastoral conjunta da educação cristã, à qual confere uma dimensão missionária” (art. 14). E também algumas palavras que ajudam a colocar nas circunstâncias concretas do nosso mundo de hoje a inspiração

original para fundamentar a Obra sobre a Santa Infância do Senhor: “As crianças são motivadas a oferecer às outras crianças do mundo a sua ajuda com as orações, os sacrifícios, as ofertas, incitando-as a descobrir neles o próprio rosto de Jesus” (art. 15).

II.- CARISMA DA SANTA INFÂNCIA OU INFÂNCIA MISSIONÁRIA

1.- Obra com carisma

Como qualquer obra que nasce no seio da Igreja, a Santa Infância tem um carácter conjuntural: surgiu num contexto de efervescência missionária e como resposta ao infeliz destino dos filhos da China. Porém, esta Obra, iluminada pelo Bispo de Forbin-Janson e nascida na trama gratuita do Povo de Deus, acabou por ser um dom do Espírito, pois de certo modo reconhece o título de “Pontifícia” que o Sucessor de Peter concedeu.²⁵ Deste modo, a sua validade no tempo não se situará no circunstancial, mas na “iniciativa carismática”²⁶ que lhe deu origem. Este carisma, que - pode-se dizer - a história confirmou, é o que a tornou capaz de se regenerar constantemente para responder aos desafios que a missão da Igreja tem enfrentado.

Assim, se se deseja que a Obra da Santa Infância ou Infância Missionária continue a ser uma Obra que cumpre a própria missão em todas as Obras Pontifícias, é necessário detectar, no carisma comum, o seu carisma específico; aquele dom do Espírito que a identifica entre as suas irmãs e permite-

²⁵ Cf. FRANCISCO, *Mensagem as Pontifícias Obras Missionárias* (21-V-2020).

²⁶ Cf. CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS, *Estatuto das Pontifícias Obras Missionárias* (2005), Parte I, História e doutrina, n. 10. No n. 5 da Parte II, Normas, o *Estatuto* insiste em que as POM nasceram de “particulares iniciativas carismáticas”.

lhe dar o seu contributo particular para a missão que partilha com as outras Obras.

Com efeito, as Pontifícias Obras Missionárias estão reunidas por um tronco carismático comum, que tem a sua origem na Propagação da Fé. Esta primeira Sociedade, fundada pela venerável Paulina Jaricot, é animada por um carisma missionário que lhe é próprio; no entanto, este carisma central foi compartilhado pelas Obras que vieram depois. Este carisma missionário encontrou uma expressão muito simples: todos os membros do Povo de Deus que caminharam nas Igrejas da cristandade antiga puderam colaborar, por meio da oração e da caridade que se concretizou em esmola, com a atividade dos missionários em terras longínquas. Tal foi a perspectiva católica desta Obra e a grande recepção que teve entre os cristãos de todas as classes e nações, que cedo a Santa Sé a reconheceu como um verdadeiro “instrumento de serviço à Igreja, no âmbito do ministério universal desempenhado pelo Papa e pela Igreja de Roma, que ‘preside na caridade.’”²⁷ Acima vimos como a Obra da Santa Infância nasce animada por este carisma missionário universal; porém, e não sem dificuldades, ela logo se caracterizou pelo próprio impulso carismático que, desde suas origens, a diferenciava da irmã mais velha.

Porém, posto à prova, não é fácil determinar o carisma da Santa Infância. Muitas vezes pode se confundir com os modos particulares de organização (distribuição de grupos, coleções, campanhas...); outros, com a sua contribuição funcional para o conjunto das Obras (formação missionária das

²⁷ Cf. FRANCISCO, *Mensagem as Pontifícias Obras Missionárias* (21-V-2020).

crianças, pedreira vocacional...). Sem dúvida, esses elementos são a expressão do carisma e, a princípio, o meio de identificá-lo. Porém, o carisma, como graça do Espírito, é aquele que permanece no tempo como fonte inesgotável, capaz de revitalizar essas expressões e, desde as suas raízes, renová-las para dar uma resposta criativa aos novos desafios da missão.²⁸

Com efeito, o carisma é um dom do Espírito, e o Espírito é a Pessoa divina que Cristo ressuscitado envia da glória do Pai para lhe dar testemunho (cf. Jo 15, 26).²⁹ Sempre que o Espírito - através de um fundador ou grupo fundador - suscita e abençoa uma obra eclesial com a sua graça, o que ele procura é atualizar uma dimensão particular do mistério salvífico de Cristo a favor da Igreja e do mundo. Portanto, é apontando para este mistério que podemos discernir o carisma próprio da Obra da Santa Infância ou Infância Missionária. E é discernindo a forma concreta como o Espírito torna Cristo presente nesta Obra fundada por D. de Forbin-Janson que poderemos reconhecê-la em todo o seu valor, aceder à sua fonte de renovação e encontrar a vocação particular para a qual é chamada a responder para dar o seu contributo único para a missão da Igreja.

²⁸ Para uma primeira aproximação, cf. PONTIFICIUM OPUS A SANCTA INFANTIA (2008), *Crianças ajudando crianças. História e carisma* (texto: Mariateresa Crescini), Roma, POSI.

²⁹ Cf. LUIS F. LADARIA (2013), *Jesús y el Espíritu: la unción*, Burgos, Monte Carmelo, em especial as páginas 80-86.

2.- Sob o patrocínio e exemplaridade do Menino Jesus

O Regulamento da Obra, ao falar do mecenato dela, reza as seguintes palavras: “A Obra da Santa Infância está submetida à invocação do Menino Jesus.”³⁰ Esta única indicação nos guia na busca do próprio carisma com que o Espírito investiu a Obra fundada pelo Bispo de Forbin-Janson.

2.1.- “O adorável filho de duas naturezas”

Na mente de seu fundador, a Infância Sagrada é regida por uma ideia que pode ser formulada nos seguintes termos: “As crianças ajudam as crianças”. Em outras palavras, as crianças cristãs simpatizam com seus pares de distantes terras pagãs e, com seus pobres meios, colaboram em seu resgate e em sua evangelização. Mas, ao mesmo tempo, essas crianças resgatadas e batizadas, com seu itinerário cristão e até com seu próprio martírio, estimulam seus irmãos na Europa e na América na fé e na missionalidade. Aí está a novidade: a peça gira em torno da infância. Uma infância protegida e reintegrada aos seus direitos pelo Cristianismo e uma infância que, como no antigo paganismo, continua a ser maltratada e abandonada onde o Evangelho da paz e do amor não chegou.³¹ Onde está esse tratamento desigual? O bispo de Forbin-Janson o cita na encarnação do Filho de Deus:

³⁰ CONSEJO CENTRAL DE LA SANTA INFANCIA (1906), *Manual de la Santa Infancia...*, 1. Cf. RAFAEL SANTOS BARBA (2017), “Actualidad de Infancia Misionera”: *Misiones Extranjeras* 281, 677-678.

³¹ Cf. FORBIN-JANSON (1844), 110-112.

“Tal foi, então, depois de tantos séculos, o destino da infância nas sociedades pagãs, quando o adorável filho de duas naturezas, Filho de Deus e Filho do homem, nasceu em Belém, Filho de encantadora mansidão e benevolência.”³²

O Filho de Deus, ao se encarnar no seio da Virgem Maria por obra e graça do Espírito Santo, tornou-se um de nós, semelhante em tudo, exceto no pecado. E com a sua encarnação assumiu tudo o que é nosso: nada na nossa vida lhe é estranho, ele não está ausente das circunstâncias pelas quais passamos, os nossos tempos não lhe são estranhos, incluindo a infância. O Arcebispo de Forbin-Janson enfatiza: “Sua humanidade nascente parecia já consagrar a primeira idade da vida, tornando amável a infância e cobrindo-a com o doce reflexo de sua própria glória.”³³ O Filho de Deus tornou-se criança e - parafraseando o Concílio Vaticano II - podemos dizer que, com a sua encarnação, se uniu, de certa forma, a cada criança.³⁴ A partir desse momento, sua própria glória irradia seu "doce reflexo" sobre todas as crianças que vêm ao mundo. Todos afirmam ser reconhecidos em sua dignidade, não só por serem criaturas de Deus, mas porque, de certa forma, carregam a glória do Filho de Deus. Além disso, todos os filhos podem viver um espírito de santidade, porque, ao tornar-se um deles, o Filho de Deus “consagrou a primeira idade da vida”. Isso, que é desconhecido de quem ignora

³² FORBIN-JANSON (1844), 112.

³³ *Ibidem*.

³⁴ Cf. CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo actual*. Gaudium et Spes (7-XII-1965), 22b.

Cristo, é bem conhecido de quem recebeu o Evangelho e fez dele sua luz e guia.

Mergulhemos neste mistério para compreender o alcance da Obra da Santa Infância. Jesus, filho de Maria, é, desde o momento da sua encarnação, o Filho de Deus. No entanto, é aos doze anos que ele revela o que sentiu em sua consciência desde o início. A ocasião ocorre na peregrinação anual de sua família a Jerusalém por ocasião da Páscoa. Jesus não volta para os pais, fica no Templo conversando com os mestres da Lei. Maria o censura por sua falta de delicadeza. E é então que Jesus revela a relação que o constitui: “Não sabias que deveria estar nas coisas de meu Pai?” (cf. Lc 2.41-50).

Aos doze anos, então, Jesus revela seu mistério filial: Ele é filho de Maria e está sob o patrocínio de José; mas, na realidade, é o Filho de Deus, a quem com toda a ternura e confiança chama “Aba, Pai.” Este facto explica a importância do número doze na Obra da Santa Infância. No início, as crianças podiam ser membros da Associação “desde o dia do seu batismo até ao final do décimo segundo ano, em memória do Menino Jesus.”³⁵ Também em memória dos doze anos do Menino Jesus, decidiu-se agrupar os filhos da Associação em séries de doze membros.³⁶

³⁵ OBRA PONTIFICIA DE LA SANTA INFANCIA (1950), *Estatutos de la Obra*, Artigo IV: Membros da Obra. Por sua vez, no Regulamento (1906) na Seção II: Organização da Obra, no número 3, diz: “Toda criança batizada pode ser membro desta associação”; e no número 4: “São admitidas as crianças desde sua mais tenra idade até os doze anos”, em CONSEJO CENTRAL DE LA SANTA INFANCIA (1906), *Manual de la Santa Infancia...*, 2.

³⁶ Cf. Regulamento (1906), na Seção II: Organização da Obra, no número 6, diz: “A Associação de divide em séries de doze membros em honra aos doze anos da infância do Salvador. Doze séries formam subdivisão e doze

Não há dúvida de que essas referências não são anedóticas e não têm um valor puramente organizacional. Elas apontam para a passagem evangélica que acabamos de revisar, na qual o próprio Jesus, o adolescente, revela seu mistério filial e sua referência permanente a seu Pai, Deus: “Não sabias que deveria estar nas coisas de meu Pai?”. Jesus, o Filho, desde a sua infância, é o Apóstolo do Pai (cf. Hb 3,1). Ele foi enviado para cumprir a missão de reunir a família de Deus (cf. Hb 3,4.6). Em torno de Jesus e do relacionamento que ele mantém com o Pai, um novo mundo de relacionamentos é criado. O Filho de Deus se uniu aos homens e os trata como tais. Desta forma, ele revela a eles que seu Pai também é deles, e eles são filhos de Deus e irmãos uns dos outros. Não há distâncias entre continentes, não há diferença de raças ou línguas; O projeto divino que “o adorável filho de duas naturezas” começou a realizar tem de ser realizado com urgência e a ele se chamam, de modo especial, os seus irmãos mais novos, aqueles com quem partilha a sua infância.

2.2.- “Devolver às crianças seus direitos negligenciados e adicionar privilégios”

O Arcebispo de Forbin-Janson não só vê no Menino Jesus a razão pela qual a infância foi dignificada, mas também considera que Jesus, por meio de “uma nova linguagem de ensinamentos e exemplos, logo deu um vislumbre de seu desejo formal de restaurar a vida à infância de seus direitos

subdivisões compõem uma divisão”, em: CONSEJO CENTRAL DE LA SANTA INFANCIA (1906), *Manual de la Santa Infancia...*, 2.

desprezados e acrescentam privilégios.”³⁷ Com efeito, as crianças possuem algo que Jesus sabe detectar, o que as torna sujeitos privilegiados para a missão do Reino. O fundador da Santa Infância recolhe alguns gestos e palavras de Jesus que o manifestam:

“Quem entre nós, de fato, não guarda na memória as histórias cheias de encanto com que o Evangelista nos mostra Jesus *acariciando e abençoando os Filhos*, chamando-os já com estas palavras de amor: *Deixai que os filhos venham a mim*; já protegendo a sua inocência com estas palavras de terrível ameaça contra quem não temesse escandalizar um deles: *Melhor seria que tal fosse lançado ao mar com uma pedra de moinho ao pescoço*; agora, para reconciliar o respeito pela Infância, revelando-nos a nova honra a que se destinava: as crianças têm anjos a cargo dos seus cuidados, *e esses anjos sempre veem a face de meu Pai que está nos céus*; às vezes colocando-os como modelos em todas as idades: *o reino dos céus é para quem é como essas crianças*; outros, propondo-os à imitação de seus próprios discípulos: *Em verdade vos digo que, se não forem como essas crianças, não entrarão no reino dos céus*; e por último, estas palavras tão paternais, tão ternas para os encorajar a amá-los e servi-los: *Tudo o que tu fazes pelos mais novos destes pequeninos, que são meus irmãos, é como se o fizesses por mim.*”³⁸

³⁷ FORBIN-JANSON (1844), 112.

³⁸ FORBIN-JANSON (1844), 112-113.

Irmã caçula - senão filha - da Obra da Propagação da Fé, desde o seu início a Santa Infância foi considerada uma obra auxiliar geral, uma escola de formação, uma pedreira vocacional, um canal de intercâmbio de bens entre as crianças... Não há dúvida de que esses elementos respondem à realidade e reconhecem parte de sua contribuição específica para a missão. Porém, corre-se o risco de ignorar a contribuição que a infância, enquanto tal, dá à vida cristã em geral e à missão em particular. A relação estabelecida pelo bispo de Forbin-Janson destaca isso. Para Jesus, a infância tem “alguns privilégios” em relação ao reino de Deus que devem ser levados em consideração na missão evangelizadora. Para além de qualquer redução funcional, a Obra da Santa Infância ou Infância Missionária promove, em vista da missão, a contribuição das próprias crianças e - como o próprio Jesus - as propõe ao Povo de Deus como modelos para o mesmo exercício missionário. É preciso reconhecer que o Espírito quis dar uma bênção particular à missão eclesial durante a infância. Esquecê-lo empobrece não só a Obra que o aproxima, mas também a própria atividade missionária em geral.

**a.- “Dos que são como crianças é o reino de Deus”
(Mc 10,14b)**

As crianças ocupam um lugar preferencial no Cristianismo. Para Jesus, longe de ser um incômodo, a infância traz consigo condições que a tornam especialmente receptiva

ao reino de Deus³⁹. O evangelista Marcos declara isso da seguinte forma: as crianças são levadas a Jesus para que ele possa tocá-las, os discípulos querem evitar e, então, Jesus diz as seguintes palavras:

“Deixem que os filhos venham a mim: não os impeça, porque para aqueles que são como eles, é o reino de Deus. Em verdade vos digo que todo aquele que não receber o reino de Deus como criança, não entrará nele” (Mc 10,14-15).

Jesus não diz “traga-me os filhos”, mas “deixe-os vir a mim.” O Senhor vê nas crianças uma disposição inata que convida os seus discípulos a reconhecer e a acompanhar. Ele considera que as suas capacidades, típicas da infância, lhes facilitam a abertura e a recepção dos mistérios do Reino. Eles podem ter precedência e protagonismo nos negócios do Reino porque são sensíveis à paternidade de Deus e àquele projeto de fraternidade que nasce do seu amor manifestado em seu Filho Jesus. Além disso, a sua pequenez, a sua fraqueza, a sua própria irrelevância movem o Pai e fazem-nos aqueles

³⁹ Este ponto se inspira em H. U. VON BALTHASAR (2006), *Si no os hacéis como este Niño*, Rafaela Provincia de Santa Fe (República Argentina), Fundación San Juan. K. RAHNER (1964), “Pensamientos para una teología de la infancia”, *Selecciones de Teología* vol. 3, nº 10, 142-148 (traduziu e condensou: Victor Codina do original; “Gedanken zu einer Theologie der Kindheit”: *Geist und Leben* 36 (1963), 104-114. JUAN JOSÉ BARTOLOMÉ (2018), *Los niños en el ministerio de Jesús de Nazaret. Sujetos de curación y modelos del Reino*, Madrid, CCS. JUAN CARLOS CARVAJAL (2017), “El proceso espiritual de conversión en la iniciación cristiana de niños y adolescentes. Fundamentos y esbozo”: *Actualidad catequética* 253, 99-144; también ID. (2019), *Sorprendente infancia. Recibir el Reino de Dios como un niño*, Madrid, CCS.

destinatários bem-aventurados do seu cuidado providente e aos quais ele dá o seu Reino de graça (cf. Mt 6,25-34; 5,3 par).

As palavras de Jesus surpreendem, não só porque descobrem a disposição dos filhos para os mistérios divinos e o seu lugar privilegiado aos olhos do Pai; mas, acima de tudo, porque se configuram como modelos. São a medida de acesso ao Reino: “dos que são como crianças é o reino de Deus”. Este “como crianças” mostra que os discípulos de Jesus não devem ter uma atitude de conquista e dominação - pelagiana ou gnóstica, na terminologia do Papa Francisco⁴⁰ - em relação ao reino de Deus. Pelo contrário, como crianças, devem permitir que o próprio Deus lhes dê o seu Reino de graça. Na verdade, Jesus enfatiza esta ideia: “quem não receber o reino de Deus como criança, não entrará nele.”

A Obra da Santa Infância ou Infância Missionária foi concedida para guardar, geração após geração, um verdadeiro tesouro. As crianças são o tesouro da sociedade e da Igreja. Sem dúvida o são porque constituem o futuro de ambos. Mas, segundo as palavras de Jesus, a infância tem um valor próprio que, na medida em que é reconhecida e promovida, dá acesso aos mistérios que Deus quis revelar, ao mesmo tempo que oferece as atitudes necessárias para receber o seu Reino. E ser, colocar ao seu serviço. E isto não só para os filhos da Obra, mas também para os animadores que deles cuidam e, levantando um pouco o olhar, para todos os que participam na vida e na missão da Igreja. A Infância Missionária é uma Obra

⁴⁰ Cf. FRANCISCO (2018), *Exortação Apostólica Gaudete et exsultate*, 36-62.

de e para as crianças, mas também um “sinal” perante os adultos, crentes e até não crentes.⁴¹

b.- “Recebe aquele que me enviou” (Mc 9,37)

Não há exagero no que dizemos. O próprio Jesus exprime a sua identificação com os irmãos mais novos e revela como acolhê-los acolhe, por meio deles, o Pai que o enviou:

“E pegando uma criança, colocou-a no meio deles, abraçou-a e disse: 'Quem recebe uma criança assim em meu nome, me recebe, e quem me recebe não me recebe, mas sim a quem me enviou'” (Mc 9,36-37).

Por que Jesus faz essa identificação? Na realidade, a infância é atravessada por uma condição filial. As crianças têm consciência, mesmo inconscientemente, de que não têm nelas a sua origem e de que em tudo estão sob a proteção dos mais velhos; eles sabem que dependem de seus pais. Isso significa que, como percebeu o bispo de Forbin-Janson, não há maior injustiça e escândalo do que uma criança abandonada ou negligenciada.⁴² Porém, quando as pessoas crescem e aos poucos se cuidam, tornam-se autossuficientes, esquecem-se daquela dependência originária, que não só é inata na infância,

⁴¹ João Paulo II, destacou este caráter significativo que tem as crianças da Obra para os adultos: “essas crianças não somente desenvolvem e personalizam sua vida batismal e humana, mas interpelam e evangelizam ao mundo dos adultos, as vezes insensibilizados e ascéticos diante da necessidade e eficácia da solidariedade da doação de si mesmo” (JOÃO PAULO II [1979], *Mensagem aos responsáveis da Pontifícia Obra da Infância Missionária por ocasião do Ano internacional da criança*).

⁴² Cf. FORBIN-JANSON (1844), 119.

mas típica do ser humano pelo seu caráter natural. E porque sua vida está sempre nas mãos providentes de Deus.

Assim, devido à sua dependência, os filhos evocam o Menino Jesus; eles são seus irmãos mais novos. No entanto, Jesus não foi apenas dependente na infância, ele sempre é. Na realidade, Jesus é o eterno Filho-Filho de Deus. Ele conhece-se ligado ao Pai, dependendo permanentemente da sua providência divina: vive recebendo tudo d'Ele (cf. Mt 11,27) e cumprindo a sua vontade (cf. Jo 4, 34); e é dessa dependência que ele salva os homens. A partir daqui fica esclarecida a identificação que Jesus faz entre os filhos, Ele e aquele que o enviou, e o seu caráter imperativo para os seus discípulos: acolher um filho - em seu nome - é acolher o Filho, Filho de Deus, e acolhê-lo É a ele, na verdade, acolher o seu Pai providente, com quem é um só no amor (cf. Jo 10,30; 14,9). Com efeito, acolhendo as crianças nas suas fraquezas, protegendo-as das ameaças e promovendo o seu desenvolvimento integral, o próprio Filho de Deus é acolhido e resgatado, que ocultou a sua glória e parecia desamparado e necessitado de atenção e cuidado por parte dos homens. Acolhendo a fraqueza de Jesus representada nas crianças, acolhe-se a salvação que Deus Pai oferece gratuitamente e concede a quem - com um coração misericordioso e generoso como o seu - acolhe e cuida dos seus filhos mais novos.

A Obra da Santa Infância ou Infância Missionária mostra que todo ser humano depende da providência divina, mediada pela justiça e pela solidariedade, e o mostra através dos filhos. Ou seja, por meio daqueles que, pela idade, são vulneráveis, sem poder e influência, radicalmente dependentes dos outros. No entanto, o que surpreende na Obra é que, para

resgatar crianças vulneráveis, vai a outras crianças não menos vulneráveis, mas com a particularidade de se reconhecerem amadas por Deus, Pai de Jesus e seu Pai. Precisamente, o Bispo de Forbin-Janson destaca a gratidão à “religião” como origem do movimento de solidariedade das crianças cristãs para com as crianças necessitadas; e, por isso, supõe que o dinamismo evangelizador se inscreve nos mesmos gestos de solidariedade. Coletamos suas palavras:

“A todas as Associações tem sido preferida a das Crianças, porque os Filhos ainda não a têm, constituída de forma geral, para si e, por assim dizer, proporcional à sua idade, bem como às suas forças; porque, *tendo recebido tanto da religião*, pareceu-nos justo que ele contribuísse a seu modo, com alguma oração e alguma esmola, para proporcionar à infiel Infância a felicidade de conhecer o Deus do Calvário e da Eucaristia.”⁴³

Quão significativa é a contribuição das crianças para a missão! Como a Igreja precisa disso!⁴⁴ A sua fraqueza, a pobreza dos meios com que contribuem para a missão, a sua própria franqueza, são uma recordação permanente de que os frutos da atividade evangelizadora não provêm de estratégias, de uma magnífica organização burocrática ou da mera atividade humana, mas da bênção de Deus, que chega onde não chega a pobre dedicação dos irmãos de seu Filho. Deste modo, a Obra da Santa Infância é um estandarte para a Igreja e para o mundo que ergue o lema paulino: “a loucura de Deus é mais

⁴³ FORBIN-JANSON (1844), 126; o itálico em nosso.

⁴⁴ Cf. RAFAEL SANTOS BARBA (2017), 677-678.

sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens” (1 Cor 1:35). Citamos novamente o texto de seu Fundador para verificar que a Obra nasceu convicta de que a pobreza das crianças é precisamente o que estimula a generosidade de Deus:

“... porque sabemos que se a sua oração [a dos filhos] agrada ao Senhor e que ele ama este sacrifício da aurora da vida, sabemos também que *não se deixa vencer pela generosidade* e que a sua riqueza e a plenitude parece apenas pedir à destituição de suas criaturas para dar-lhes o direito a uma recompensa magnífica.”⁴⁵

Neste sentido, é importante sublinhar que a contribuição da infância à missão eclesial não está apenas na origem da Obra: está também na meta. No início, as crianças afetadas são resgatadas, batizadas e educadas na fé a partir das doações e orações de seus irmãos cristãos; Mas, com o passar do tempo, eles próprios tornam-se sujeitos da missão dos seus povos e o fôlego da vida de fé dos seus irmãos nas Igrejas de longa tradição cristã. Naquele momento, neles se concretizam as palavras que citamos do fundador da Santa Infância: “tendo

⁴⁵ FORBIN-JANSON (1844), 126-127; o itálico em nosso. Pouco antes, o bispo de Nancy já havia sublinhado como a debilidade dos meios deixa livre a ação da Providência e permite confiar na misericórdia divina: “...sendo os instrumentos da Providência simples e dóceis, não podemos restringir nem limitar sua ação: então teremos também o direito de confiar em sua misericórdia; o direito de tudo espera-lo das invenções da sabedoria e do amor do *Senhor que quer a salvação de todos os homens* e sobretudo da infância; então deixaremos *fazer a sua obra àquele* que sabe inspirar em tempo oportuno os generosos sacrifícios, e de um grande mal tirar um grande bem” (p. 125-126, itálico do autor).

recebido tanto da religião” e dado na aurora da vida para testemunhar o Evangelho entre os seus povos pagãos, Deus não ele deixará de fazer sua obra missionária dar frutos e lhes concederá uma "recompensa magnífica."

c.- “Os seus anjos estão sempre vendo a face do meu Pai Celeste” (Mt 18,10)

O que há na infância que a torna objeto do prazer divino? Quais são as características que todos os discípulos de Jesus são chamados a reproduzir? Como contribuem e enriquecem a missão eclesial? Uma frase de Jesus nos põe no caminho: “Cuidado para não desprezar nenhum destes pequeninos, porque eu vos digo que os seus anjos estão sempre vendo a face do meu Pai celestial que está nos céus” (Mt 18,10). Frase enigmática, porque, como ensina a Escritura, ninguém pode ver o rosto de Deus e permanecer vivo (cf. Ex 33,20). Na verdade, Deus sempre permanece em um mistério intransponível; mesmo, depois de ter se revelado em seu Filho, Jesus, seu mistério perdura; Mesmo assim, Jesus declara que os anjos das crianças têm uma familiaridade especial com Deus. Veem o seu rosto, de certa forma, têm consciência do seu mistério de amor. Os anjos das crianças são os mensageiros que Deus envia aos seus filhos mais pequenos para, de forma extraordinária, mas quase imperceptível, torná-los testemunhas do seu Mistério no meio do mundo. De alguma forma, em cada criança que nasce, e enquanto permanece na infância, Deus visita o mundo.

Com efeito, as crianças têm uma sensibilidade especial para o mistério que envolve o mundo e para a sua

própria vida. Além disso, poderíamos dizer que são atraídos por esse mistério, crescem na tentativa de decifrá-lo, alegram-se quando descobrem o seu segredo e querem reconhecê-lo em tudo o que os rodeia. Sensíveis ao mistério do mundo, eles estão tão abertos quanto qualquer pessoa para serem introduzidos nos mistérios do reino de Deus e os recebem com uma fé tão fervorosa que estão imediatamente prontos para se envolverem em seu serviço.⁴⁶

Na Escola de Jesus - em diálogo com o Irmão mais velho -, as crianças passam a compreender, com surpreendente simplicidade, os planos de Deus para todos os homens; desejam que, em torno do Pai de todos e de seu Filho Jesus, além de qualquer diferença de raça, língua, nação ou situação econômica, se construa a fraternidade universal; eles penetram misericordiosamente no significado último da vida e morte de Jesus; eles aderem a ele e generosamente desejam seguir seus passos; Eles entendem que eles, com o que podem oferecer, também participam da missão de Jesus... É verdade que às vezes tudo isso é esquecido e os compromissos nem sempre são cumpridos. Mas também é verdade que, quando são ajudados a voltar ao Mistério de Deus, voltam sempre a ele com extraordinária seriedade e o seu compromisso verde com extraordinária generosidade.⁴⁷ Esta é a contribuição que as

⁴⁶ Esta valorização da infância é integrada no documento que regira a catequese nos próximos anos; cf. CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A NOVA EVANGELIZAÇÃO (2020), *Diretório para a Catequese* (23-III-2020), 236.

⁴⁷ Como indicamos acima, *os Anais da Obra da Santa Infância* nasceram, entre outros motivos, para dar testemunho da entrega e generosidade das crianças, e também para que esta fosse estimulada pelas histórias de seus irmãos de terras distantes; cf. FORBIN-JANSON (1844), 128, node de rodapé da página. Ainda hoje são publicados pelo Secretariado Internacional junto com o *Boletim* da Pontifícia Obra da Santa Infância.

crianças dão à missão. Este é o encorajamento que oferecem a todos os que colaboram na missão da Igreja.

É por isso que o escândalo dos mais pequenos é tão desastroso. Escandalizar uma criança não é apenas zombar de uma criatura indefesa, é, de certa forma, fechar a porta para Deus. Quando sua inocência é manchada, seu olhar é sujo, sua generosidade é desonrada; quando, em suma, ele não é reconhecido como um daqueles “mensageiros-anjos” que Deus envia para chamar a humanidade descrente a uma relação filial; depois, as palavras de Jesus deixam de ser um aviso para se tornarem uma ameaça real: “Quem escandalizar um destes pequeninos, é melhor ter uma pedra de moinho amarrada ao pescoço e lançada ao mar. Tenha cuidado!” (Lc 17,2-3). Todos os colaboradores da Obra Missionária da Infância devem considerar que Jesus colocou aos seus cuidados um dos seus tesouros mais queridos: os seus irmãos mais novos. Pela mesma razão, eles também devem temer sua ameaça.

d.- “Uma criança pequena te guiará ...” (Is 11,6)

É preciso reconhecer que a maneira de Jesus ver a infância é surpreendente e não se ajusta ao que costumamos ver. Na verdade, é comum pensar que as crianças são uma espécie de *tabula rasa*, ou seja, um livro com todas as páginas em branco, esperando para ser preenchido pelas coisas que lhes são ensinadas, pelas experiências que lhes são proporcionadas, pelas relações que lhes são possibilitadas... Parece que tudo devia vir de fora, como se fossem apenas recipientes que receberam o que lhes foi procurado. Em discussão podemos colocar as formas como este ensino é ministrado: dinâmico ou

passivo, sublinhando o cognitivo ou afetivo, de forma lúdica ou esforçada...; mas raramente partimos deles, o que veem, o que procuram, o que observam, o que pedem... Esta forma de proceder em todas as áreas do ensino é especialmente desastrosa no que diz respeito ao espiritual e religioso. Pense-se que “você tem que levá-los a Deus”; Não se considera que eles “estejam em Deus” e, de certo modo, despertados pelo mesmo Espírito, possuam experiências “atemáticas” (não expressas) dele. É precisamente com as suas atitudes e com as suas palavras que o próprio Jesus nos fez ver.

Os colaboradores da Obra da Infância Missionária não podem servir a Deus e à sua obra sem Deus. Não podem pensar que são os primeiros e os mais interessados em conduzir os filhos a Deus e em disponibilizá-los para o serviço ao seu projeto evangelizador. O próprio Deus com a sua graça é quem os atrai a si, faz o que é necessário para que os filhos possam comparecer ao encontro do amor que ele gravou na alma no dia do seu nascimento.⁴⁸ A cada criança, com diferentes modulações, tornam-se verdadeiras as palavras que Deus, por meio do profeta Oséias, dirigiu ao seu povo:

“Com laços humanos eu os atraí, com laços de amor. Eu era para eles como alguém que levanta uma criança até as bochechas. Inclinei-me para ele para alimentá-lo”(Os 11,4).

Os filhos, como seres humanos que são, nascem com a vocação de serem filhos de Deus. Desde o momento de seu

⁴⁸ CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo actual* Gaudium et spes (7-XII-1965), 19a: “Desde o seu próprio nascimento, o homem é convidado ao diálogo com Deus.”

nascimento, esse chamado bate fundo em sua vida. Mas, além disso, Deus não se contenta em lançar esta semente, mas, pela ação misteriosa, mas real de seu Espírito, “com laços de amor” atrai a si os filhos. É isso mesmo: não por seus próprios méritos, mas pela pura graça de Deus, as crianças são atraídas para os mistérios do Reino. Os adultos cristãos devem esforçar-se por detectar os impulsos desta atração, reconhecê-los à luz do Evangelho e acompanhar a ação do Espírito que quer unir as crianças a Jesus.

Com efeito, os filhos devem ser sempre acompanhados para Jesus e, com Jesus, para o Pai e para os irmãos; mas deve-se sempre partir daqueles movimentos que o Espírito põe no fundo do seu coração. As crianças têm uma experiência espiritual, mas não sabem o que é, nem sabem interpretá-la. Muitos idosos também ignoram e até desprezam o que as crianças vivem. Porém, o trabalho dos educadores cristãos, em geral, e dos animadores da Infância Missionária, em particular, é detectar essas experiências espirituais, reconhecer seu valor e descobrir como, por meio delas, Jesus os atrai a Si. Nesse dinamismo contemplativo, A Virgem Maria é uma grande mestra (cf. Lc 2,51). Eles, como a Mãe de Jesus, devem guardar no coração as palavras, os gestos, as perguntas, os desejos... dos filhos que acompanham, para detectar neles os movimentos do Espírito que os conduzem a Jesus. Só depois desta atenção contemplativa e obediente ao Espírito é que poderão pôr os meios para que os filhos conheçam Jesus e se relacionem de amizade-fraternidade com Ele, o que lhes permitirá tornarem-se missionários, pois Ele é um missionário do Pai.

Neste ponto, o educador cristão é testemunha e pregador de Jesus, o Filho de Deus, o verdadeiro menino. Às vezes não é fácil entender o que as crianças e adolescentes estão vivenciando, nem saber como acompanhá-los. Muitos são os obstáculos em um mundo onde Deus parece ser excluído e a dignidade das crianças ignorada. No entanto, em meio a esse mar de dificuldades, existe uma bússola certa: o próprio Jesus. Jesus é aquele Menino que guia os educadores dos irmãos menores para que os acompanhem até ele, seu irmão mais velho e, com ele, até o Pai comum e os demais irmãos.

A chave para a formação cristã dos filhos da Infância Missionária é que os animadores da Obra - em meio às vicissitudes da vida - possam detectar os movimentos que o Espírito produz no coração das crianças sob seus cuidados, eles sabem lê-los à luz da experiência do Filho-Filho de Deus e propor esta experiência às crianças com um anúncio simples, mas revelador da presença de Jesus nas suas vidas.⁴⁹ Com esta forma de proceder, os filhos poderão reconhecer a companhia de Jesus, que se solidariza com eles e os ama como seus irmãos amigos que são e, também, os incorpora à missão que recebeu do Pai, em favor de seus irmãos, que não conhecem o amor de Deus e sofrem as devastações do mal e da injustiça. O objetivo é que as crianças se apaixonem por Jesus e lhe agradeçam o amor que tem por elas. Desta relação alegre brotará neles o impulso permanente para a missão e a atenção às necessidades

⁴⁹ Na realidade, o trabalho dos animadores é sempre mediação do testemunho que Cristo dá de si as crianças. Em palavras do Papa Francisco: “Cristo, com seu Espírito, dá testemunho de si mesmo por meio das obras que realiza em nós e com nós.” (FRANCISCO, *Mensagem as Pontifícias Obras Missionárias* [21-V-2020]).

espirituais e materiais das outras crianças de qualquer parte do mundo.

e.- “... e estava sujeito a eles” (Lc 2,51)

“Ele desceu com eles e foi para Nazaré e estava sujeito a eles. Sua mãe guardava tudo isso em seu coração. E Jesus crescia em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens ” (Lc 2,51-52).

Como já vimos, aos doze anos, Jesus - o Filho de Deus desde a sua encarnação -, cumprindo o preceito pascal de fazer uma peregrinação ao Templo de Jerusalém, manifesta a sua consciência de que veio a ocupar-se dos negócios do pai. E, no entanto, daquele momento até o dia do seu batismo, na margem do Jordão, Jesus volta com Maria e José a Nazaré e lá vive por 18 anos o que veio a ser chamado de sua “vida oculta”. Apenas algumas pequenas indicações de São Lucas nos orientam sobre o que aqueles anos significaram: “Eu crescia em sabedoria, em estatura e em graça diante de Deus e dos homens”. O que está em continuidade com o que havia dito sobre o período anterior da vida de Jesus: “O menino crescia e se fortalecia, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava com ele” (Lc 1,40). Com essas notas, o evangelista afirma que, embora o mistério da filiação divina faça parte da consciência de Jesus e a graça transborde nele, sua humanidade segue as leis que regem todo homem: ele deve crescer em estatura, tornar-se mais forte, progredir na sabedoria das coisas, avançar na penetração do seu mistério no modo humano... Jesus, filho de Maria, necessita de tempo para que a sua humanidade cresça

a ponto de poder exprimir o mistério da sua pessoa divina e para poder cumprir a missão redentora que o Pai lhe confiou. O que é surpreendente é que este crescimento ocorre sob a tutela de Maria e José em Nazaré: “Ele desceu com eles e foi a Nazaré e estava sujeito a eles.” É o mistério da Sagrada Família, é a “escola de Nazaré.”⁵⁰ Depois de revelar o seu mistério e delinear a sua missão no mundo, Jesus volta à situação normal da sua família: à vida simples, à disciplina ordinária, às relações humanas, ao respeito mútuo, ao trabalho quotidiano, à escuta atenta à Palavra divina, à vida de oração tanto na sinagoga como em casa..., e sempre vivendo sob a sujeição dos pais, expressão da sua atitude obediente para com o seu Deus Pai, a quem eles representam.

Para a Infância Missionária, a “escola de Nazaré” não pode deixar de ser fonte de inspiração e referência quotidiana tanto para as famílias como para os animadores da Obra. As crianças e os adolescentes, em virtude da sua idade e da graça divina, têm aptidões magníficas para entrar em relação com Deus e para manter uma atitude colaborativa para com a missão eclesial. No entanto, essas disposições devem ser cultivadas, especialmente quando o ambiente já não favorece a experiência cristã e missionária, nem nos países do antigo cristianismo, nem naqueles em que prevalecem outras religiões ou situações culturais. Aqui é conveniente que famílias, comunidades cristãs e animadores da Infância Missionária, na medida do possível, caminhem em uníssono e, em torno das crianças, criem um clima semelhante ao de Nazaré.

⁵⁰ Cf. PAULO IV, *Discurso na Igreja da Anunciação de Nazaré* (5-I-1964).

A família, a “Igreja doméstica”, é o lugar natural onde nasce a fé⁵¹, onde a ação da graça se entrelaça com o crescimento humano, o Evangelho adquire sentido e se torna experiência, onde Jesus revela o seu rosto e onde está o mistério paternal de Deus. revelado no amor paterno de mãe e pai. É no seio de uma família cristã que se lançam, em primeiro lugar, os alicerces da experiência da fé e é a partir dela que as crianças e os adolescentes podem abrir-se à realidade eclesial. A própria sensibilidade dos pais pela missão da Igreja é o fermento daquela vocação missionária a que os filhos são chamados pelo batismo.⁵²

A comunidade cristã imediata é o espaço onde a semente da fé que os pais plantaram germina. Ela “é em si mesma uma catequese viva. Sendo o que é, anuncia, celebra, vive e permanece sempre como espaço vital essencial e primário da catequese.”⁵³ Crianças e adolescentes aprendem a ser cristãos em contato com outros cristãos. É na relação fraterna com os crentes em Cristo que Jesus se manifesta como Irmão mais velho e se torna real a referência ao amor paterno de Deus. A comunidade cristã, embora seja uma escola de discipulado, é também uma escola de “missionariedade”. A projeção apostólica da comunidade no seu ambiente mais

⁵¹ Para este ponto cf. CONSELHO PONTÍFICIO PARA A NOVA EVANGELIZAÇÃO (2020), *Diretório para a Catequese* (23-III-2020), 227-231.

⁵² Mons. de Forbin-Janson contava com esta sensibilidade missionária dos pais, para que eles inscrevessem seus filhos na Obra a partir do batismo e provisoriamente cumprissem com as obrigações das crianças até que elas compreendessem o uso da razão cf. FORBIN-JANSON (1844), 127-129. Cf. JOÃO PAULO II, *Carta encíclica* Redemptoris missio (7-XII-1990) 80.

⁵³ Para este ponto, cf. CONSELHO PONTÍFICIO PARA A NOVA EVANGELIZAÇÃO (2020), *Diretório para a Catequese* (23-III-2020), 164; também 88-89; 133.

próximo é, para as crianças e os adolescentes, uma escola de aprendizagem daquela universalidade que contém a boa nova do Evangelho.

Os animadores da Infância Missionária, sempre membros da Igreja, inserem o seu trabalho nessa relação essencial e quotidiana que deve existir entre as famílias e as comunidades cristãs imediatas. Caso essa relação seja deficiente, eles providenciarão os meios necessários para corrigi-la e, se isso não for possível, por meio da Escola de Jesus, tentarão suprir as deficiências que encontrarem. A sua tarefa formativa - que será definida posteriormente - insere-se no processo de iniciação cristã das crianças e adolescentes. No que diz respeito às crianças batizadas, o seu trabalho deve sempre partir da graça batismal, e no que diz respeito àqueles que se preparam para receber o sacramento do batismo, o seu trabalho é favorecer a sua melhor recepção. Em qualquer caso, o batismo e outros sacramentos da iniciação cristã são suas referências. Neles se encontra a fonte da vida cristã e a origem da vocação missionária dos discípulos-irmãos de Jesus, o Filho do Pai.

III.- ESPIRITUALIDADE DA SANTA INFÂNCIA OU INFÂNCIA MISSIONÁRIA

O carisma da Santa Infância é um dom do Espírito que Deus deu à Igreja e ao mundo por meio da mediação do Bispo de Forbin-Janson. Como graça divina, é uma fonte que flui permanentemente para esverdear a Obra e para que, de uma forma particular, os seus membros possam avançar no caminho da santidade. São chamados a identificar-se com Jesus, Filho-Filho de Deus, e a participar, no cumprimento da vontade salvífica do Pai, na sua dedicação a favor dos irmãos mais novos. A espiritualidade de quem pertence à Infância Missionária bebe do carisma com que a Obra foi abençoada pelo Espírito.

1.- “Batismo acima de tudo...”

1.1.- Missão do batismo e da educação cristã

A Obra da Santa Infância nasceu na mente de seu fundador para responder à trágica situação das crianças na China. Os missionários franceses, que estão lá com antecedência, contam como os pais os ignoram e literalmente os entregam à morte.⁵⁴ Com esta notícia, o Bispo de Forbin-Janson comove-se no fundo de seu coração, sente grande

⁵⁴ Cf. FORBIN-JANSON (1844), 109-110, 114-119. O título deste ponto está extraído da pág. 132.

compaixão e procura colocar os meios para salvar essas crianças afetadas da morte:

“Aqui está precisamente o nosso pensamento; aqui está nosso trabalho. Sim, queremos arrancar da morte o maior número possível de filhos nascidos de pais idólatras e, uma vez que eles os vendem para o benefício da ganância e da libertinagem, queremos comprar o máximo possível para o benefício da religião, para Deus, para a glória do seu nome, *pelo seu batismo*: também queremos assegurar a todos aqueles que morrem em tenra idade a bem-aventurança eterna; Queremos fazer daqueles que vivem instrumentos de salvação para os próprios irmãos.”⁵⁵

Para nossa concepção, às vezes excessivamente parcial e precipitada, é surpreendente o que o Bispo de Nancy entende por “desenraizar o maior número possível de crianças até a morte.” Obviamente, a princípio a expressão tem um sentido literal: crianças estão sendo jogadas nos rios, e recém-nascidos, abandonados na rua para dar comida a cachorros e porcos...; é urgente resgatá-los (*les racheter*), literalmente, pagar seu “preço” e libertá-los da morte. Mas, para o bispo, este “desenraizamento da morte” tem um significado muito mais profundo: essas crianças devem ser resgatadas (*les racheter*) pelo batismo; trata-se de assegurar “bem-aventurança eterna a todos os que morrem em tenra idade.”

O Batismo é uma urgência e uma prioridade para a Obra da Santa Infância. É necessário “abrir, através do batismo, as

⁵⁵ FORBIN-JANSON (1844), 119. O itálico é nosso.

portas do céu ao maior número possível destas pobres criaturas, privadas do amor paternal desde o nascimento.”⁵⁶ Não há dúvida de que, no bispo de Forbin-Janson, essa urgência decorre do mandato missionário que Jesus deu aos seus discípulos, pouco antes de retornar ao Pai: “Ide, então, e fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a observar tudo o que vos ordenei” (Mt 28,19-20a). Mas o fundador da Obra deseja tornar eficaz este mandato, não só por causa do imperativo do batismo, mas também no que diz respeito ao ensino da mensagem evangélica. Deste modo, através da articulação da dupla vertente do mandato missionário, a Obra da Santa Infância adquire uma perspectiva verdadeiramente abrangente.

O Batismo, especificamente, é o primeiro motivo e meio para resgatar as crianças afetadas do poder do mal e da morte, e para regenerá-las como filhos de Deus. Mas, uma vez regenerados, "esses novos Moisés"⁵⁷ possuem a graça divina e, nos centros previstos para isso, podem receber a educação cristã necessária para se tornarem “instrumentos de salvação para seus irmãos.” Essas crianças, cristãs por batismo e formação, se tornarão esses professores e professoras, esses médicos e parteiras, esses catequistas e até padres e missionários indígenas que poderão evangelizar seu povo falando os mesmos dialetos e participando dos mesmos dialetos e culturas.⁵⁸

⁵⁶ FORBIN-JANSON (1844), 109.

⁵⁷ FORBIN-JANSON (1844), 123.

⁵⁸ Cf. FORBIN-JANSON (1844), 110, 124.

Se o batismo faz parte dos objetivos da Obra, é também condição para os filhos aderirem.⁵⁹ Isso mesmo: como vimos acima, a infância naturalmente tem valores extraordinários; no entanto, existem outros valores que só podem ser concedidos pelo batismo. Esses novos valores vêm da regeneração em Jesus Cristo e são tais que - nas palavras do Bispo de Nancy - tornam as crianças dignas de “uma espécie de culto particular.”⁶⁰ De fato, em virtude do batismo, as crianças nascem de novo como crianças no Filho de Deus, o Pai de Jesus se torna seu Pai, e o resto das crianças, seja qual for a situação, seus irmãos. Para o bom desenvolvimento da Obra, a Santa Infância espera destas crianças batizadas o seu contributo particular. Eles, estando unidos de modo particular a Jesus, Filho-Filho de Deus, levam sobre si a realização dos objetivos da Obra. As vossas orações, esmolas e sacrifícios, precisamente por serem limitados, atrairão do Pai Providente dons suficientes para ir ao encontro das necessidades dos irmãos menores.

⁵⁹ Cf. No Regulamento (1906), na Parte II, onde se explicam alguns pontos do mesmo, no parágrafo IV, ao falar das condições para pertencer na associação, se declara que a primeira é “*O batismo da Igreja Católica, único que pode dar o direito de entrar em uma associação de Crianças cristãs*”, em: CONSEJO CENTRAL DE LA SANTA INFANCIA (1906), *Manual de la Santa Infancia...*, 17. Sobre a importância do batismo na Obra, cf. PONTIFICIUM OPUS A SANCTA INFANTIA (2008), *Crianças ajudando crianças. História e carisma*, 9, onde, falando da fundação da Santa Infância, a autoria afirma: “nascia um estilo novo de missão, que colocava no centro a graça batismal e reconhecia as crianças o direito de recebe-la e o dever de dá-la.

⁶⁰ Cf. FORBIN-JANSON (1844), 113-114.

1.2.- A salvação e o caráter integral da evangelização

Assim como a fundação da Santa Infância está condicionada pelo contexto político, social e econômico em que nasceu, também está condicionada pelas concepções teológicas da época. Não há dúvida: nas mentes e nos corações dos cristãos da primeira metade do século XIX estava o desejo de que os povos pagãos fossem batizados e viessem à fé o mais rápido possível. Segundo os ensinamentos tradicionais, eles estavam muito conscientes de que a Igreja era necessária para a salvação ou, como dizia o adágio latino, “*extra Ecclesiam nulla salus*” (fora da Igreja não há salvação). É por isso que uma Obra teve tanto sucesso que retirou das ruas crianças moribundas e as batizou pouco antes de morrerem; também, que ele “comprou” os filhos que seus pais desprezavam e que a primeira coisa que fez foi batizá-los e depois educá-los na fé. Nesta Obra - em que logo se comprometeu toda a Cristandade - não se buscou apenas resgatar as crianças da morte e das condições sociais desumanas; Acima de tudo, e prioritariamente, pretendia-se introduzi-los na Igreja para que, através da fé e do batismo, cumpram a vontade salvífica de Deus, “que quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1 Tm 2.4).

É verdade, provavelmente aquela geração viveu de forma restritiva a noção de salvação e, talvez, de forma legalista a administração do batismo. No entanto, é muito estimulante, para os nossos dias, o balanço positivo que fizeram do batismo, da fé e da Igreja, e como articularam, no mesmo dinamismo, o processo de humanização e evangelização. O Concílio Vaticano II, depois de enfatizar que

a salvação vem à humanidade por meio de Jesus Cristo, único mediador entre Deus e os homens, reiterou o ensinamento tradicional:

“O Sagrado Concílio... fundado na Sagrada Escritura e na Tradição, ensina que esta Igreja peregrina é necessária para a salvação. Com efeito, Cristo é o único Mediador e via de salvação que se faz presente a nós no seu Corpo, na Igreja. Ao instilar com palavras muito explícitas a necessidade da fé e do batismo, ele confirmou ao mesmo tempo a necessidade da Igreja, na qual os homens entram pelo batismo como por uma porta.”⁶¹

Porém, confiando na misericórdia divina e sabendo que Deus quer que a salvação alcançada por Cristo chegue à maioria dos homens, a Igreja qualifica a afirmação tradicional com o seguinte ensinamento conciliar:

“Aqueles que não por culpa própria não conhecem o Evangelho de Cristo e de sua Igreja, mas buscam a Deus com um coração sincero e procuram em suas vidas, com a ajuda da graça, fazer a vontade de Deus, conhecida por aquilo que ele diz a eles. sua consciência, você pode alcançar a salvação eterna. Deus, na sua Providência, não nega a ajuda necessária àqueles que, sem culpa, ainda não conheceram a Deus com clareza, mas lutam com a sua graça para viver honestamente. A Igreja valoriza tudo o que neles há de bom e verdadeiro, como preparação para o Evangelho

⁶¹ CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição dogmática sobre a Igreja Lumen Gentium* (21-XI-1964) 14.

e como dom d'Aquele que ilumina todos os homens para que tenham finalmente a vida.”⁶²

Segundo o pensamento conciliar, Deus, por caminhos que só ele conhece, pode levar os homens, por sua graça, a cumprir a vocação filial que carregam no coração e assim chegar a participar da vida eterna e da felicidade. No entanto, isso não justifica que a Igreja adie sua atividade evangelizadora e consagre suas forças apenas à promoção humana, pensando que Deus cumprirá sua salvação na ordem escatológica. Pensar assim não é apenas ignorar o caráter integral da promoção humana - que aponta para todos os homens e para todas as suas dimensões humanas, inclusive a religiosa -, mas também não compreender que a própria evangelização integra esta promoção e nunca é um momento posterior e justaposto a ele. Em todo caso, quão bem o bispo de Forbin-Janson entendeu - nas coordenadas teológicas de seu tempo - a necessidade de colocar a salvação do homem em primeiro plano e de conceber a missão com caráter integral. Nesse sentido, a Infância Missionária oferece uma contribuição fundamental para a missão, um estímulo para reavivar a perspectiva evangelizadora em nossa Igreja hoje.

2.- O Batismo, dom para a Obra da Santa Infância

Acima - da mão dos Evangelhos e das reflexões do fundador da Obra - vimos como o carisma da Santa Infância gira em torno da infância do Menino Jesus. Vimos como, de

⁶² *Ibidem*, 16.

maneira extraordinária, Jesus une os filhos a si mesmo, eterno Filho-Filho de Deus. E entendemos como, a partir desse vínculo, os filhos foram introduzidos em um novo mundo de relações: o Pai de Jesus se torna seu Pai; eles, de criaturas simples, tornam-se filhos no Filho de Deus; e o imperativo de solidariedade que eles têm com os outros filhos se transforma em um exercício de fraternidade com aqueles que Deus lhes deu como irmãos.

Pois bem: o sacramento do Batismo é o que dota a Obra da Infância Missionária de um realismo extraordinário. Estas relações, para as quais são chamados todos os homens e mulheres que vêm ao mundo, realizam-se como graça e são ativadas como tarefa pela recepção do sacramento da água e do Espírito na Igreja. Deste modo, não é exagero dizer que a Obra da Infância Missionária se constrói em torno do Batismo e que a fonte batismal é fonte permanente de espiritualidade, tanto para as crianças como para os animadores e catequistas que as acompanham. No entanto, para compreender bem o alcance do que dizemos, é necessário contemplar o batismo no quadro do catecumenato batismal ao serviço da iniciação cristã.

2.1.- Catecumenato batismal e catecismo de inspiração catecumenal

A fé não pode mais ser considerada um dado adquirido, nem nos territórios da missão *ad gentes*, nem nos do antigo cristianismo. Nem se pode esperar que a colonização cultural, que causa a globalização, possa levar a fé aos povos que não conhecem o Evangelho, nem se pode confiar nos

processos de socialização dos povos de raízes cristãs para transmitir a fé às próximas gerações. No Concílio, a Igreja tomou consciência de que, para além dos apoios ou entraves que a sociedade lhe impõe, a comunidade cristã é responsável por anunciar e propor o Evangelho, por elevar e educar a fé, por ser o seio onde estão os discípulos de Cristo, nascido para a nova vida dos filhos de Deus.

Perante esta situação e, de certa forma, antecipando o desenrolar dos acontecimentos, o Concílio restaurou o catecumenato batismal⁶³, instituição ancestral, típica dos primeiros séculos da Igreja, pela qual as comunidades cristãs engendraram na vida de fé aqueles que o desejavam para ser discípulos de Cristo. Desde o momento da sua restauração, o catecumenato batismal não foi apenas acolhido como meio ordinário para formar na fé os que ainda não foram batizados, mas a Igreja quis que fosse também uma inspiração para a catequese daqueles que, tendo sido batizados, ainda não vivem como cristãos.⁶⁴ Partindo da referência ao catecumenato batismal, catequese e liturgia, iniciação à fé e iniciação

⁶³ A restauração do Catecumenato foi decretada pela *Constituição sobre a Liturgia Sacrosanctum Concilium* (4-XII-1963) 64; sem mencionar que se encontra uma primeira descrição na *Constituição dogmática Lumen Gentium*: “Diante da predicação do Evangelho, a Igreja atrai aos ouvintes a fé e a confissão de fé, prepara-os para o batismo, livra-os da escravidão do erro e incorpora-os a Cristo para que cheguem até a plenitude n’Ele pelo amor” (n. 17). Para uma perspectiva global sobre este ponto, cf. JUAN CARLOS CARVAJAL BLANCO (2018), “La iniciación en la fe y en la vida cristiana de quienes se incorporan a la comunidad eclesial”, en: FABRIZIO MERONI - ANASTASIO GIL (Coords.), *La misión, futuro de la Iglesia. Missio ad-inter gentes*, Madrid, PPC, 195-123.

⁶⁴ Vale como referência o último documento da Santa Sé, cf. CONSELHO PONTÍFICIO PARA A NOVA EVANGELIZAÇÃO (2020), *Diretório para a Catequese* (23-III-2020), 61-65.

sacramental, vida comunitária e participação na missão, confissão de fé e batismo... vão de mãos dadas. Não se pode pensar numa educação cristã que não inclua a recepção dos sacramentos da iniciação cristã (batismo, confirmação e eucaristia); Mas também não se pode conceber a recepção destes sacramentos sem confessar de coração a fé em Jesus Cristo, Filho do Pai e Salvador dos homens e procurar fazer da vida o dom do Espírito recebido no Batismo. Neste contexto, a Santa Infância ajuda a criança a integrar naturalmente “fé”, “vida segundo a fé” e “profissão de fé”, como três ângulos de um triângulo que define a vida e o testemunho cristãos.⁶⁵

A Infância Missionária tem uma responsabilidade inicial fundamental. Muitas crianças vêm à fé e se tornam cristãs por meio dela. Às vezes, é na Obra que ouvem falar de Jesus pela primeira vez - pelo menos, fora do ambiente familiar; nele eles se encontram com aqueles que desejam ser seus discípulos; na Escola de Jesus são iniciados nos mistérios do reino de Deus; com Jesus, filhos de Deus e irmãos de todos são reconhecidos; Participando da comunidade cristã, aprendem a vida dos cristãos e se sentem parte da missão eclesial... Segundo as orientações da Igreja, o catecumenato batismal ou, se for o caso, a catequese de inspiração catecumenal, tem um caráter referencial, em qualquer processo de iniciação e formação da fé. A Obra da Infância Missionária deve procurar que, em contacto com a comunidade eclesial imediata, esta referência seja eficaz na atividade educativa que desenvolve com os seus membros. A pedagogia iniciática, implícita no Catecumenato, tornará mais fácil para as crianças

⁶⁵ CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição dogmática sobre a Igreja Lumen Gentium* (21-XI-1964) 35.

e adolescentes assumirem os dons que os sacramentos da Iniciação lhes concedem; ajuda-os a se identificarem vitalmente com Jesus, o Filho de Deus; e oferece-lhes os meios para se inserirem na comunidade eclesial e darem testemunho cristão entre aqueles com quem convivem, com abertura a uma possível vocação missionária específica.

2.2.- Discípulos missionários

A Obra da Santa Infância nasceu na mente do seu fundador como um serviço à missão da Igreja. As circunstâncias do seu nascimento e da sua colocação nas Pontifícias Obras Missionárias podem levar a pensar que a formação missionária que aí se ministra é uma questão setorial, de certo modo, opcional para o resto das crianças e adolescentes cristãos. O raciocínio seria tão simples: as comunidades cristãs treinam seus membros mais jovens para serem cristãos, para confessar Jesus Cristo como seu Salvador e Senhor e levar uma vida de acordo com a fé; A Infância Missionária, tomando como certa esta formação cristã e circunscrevendo o seu mandato no seio da Igreja, centraria a sua atenção na motivação, incentivo e acompanhamento das crianças e adolescentes face à missão. Como se vê, esta forma de ver as coisas significa que o “missionário”, típico da fé cristã, não está bem enraizado na dinâmica da iniciação cristã, nem parece claro que seja uma dimensão constitutiva do ser discípulo de Jesus Cristo, o apóstolo do pai. Um texto do Papa Francisco nos orienta em outra direção:

“Em virtude do Batismo recebido, cada membro do Povo de Deus tornou-se discípulo missionário (cf. Mt 28,19) [...] Cada cristão é missionário na medida em que encontrou o amor de Deus em Cristo Jesus; já não dizemos que somos ‘discípulos’ e ‘missionários’, mas sim que somos sempre ‘discípulos missionários.’”⁶⁶

O envolvimento na missão da Igreja pelos discípulos de Jesus Cristo não é opcional. Eles, em virtude do batismo, foram enxertados em quem é seu Mestre e Senhor e se tornaram seus discípulos missionários. Assim, não há dois momentos: primeiro os discípulos, depois os missionários. Nem duas formações: uma para ser cristã, outra para ser missionária. Por causa da fé em Jesus Cristo - que é tanto filho do Pai como seu enviado em nome dos homens - os cristãos são, na mesma dinâmica, filhos no Filho e enviados aos seus irmãos para dar testemunho do amor do Senhor. Pai. Mais uma vez, a fé e a graça batismal são a fonte desse dinamismo unitário, e é aprofundando-as que a iniciação cristã integra o que muitas vezes parece uma falsa alternativa.

Para promover a articulação do discipulado e da “missionariedade” na formação de crianças e adolescentes, a Obra Missionária Infantil promoverá uma estreita colaboração com os Secretariados ou Delegações que nas várias dioceses têm a responsabilidade de iniciar na fé seus membros mais importantes.⁶⁷ Esta colaboração favorecerá que os processos

⁶⁶ FRANCISCO (2013), *Exortação apostólica Evangelii Gaudium* (24-XI-2013), 120.

⁶⁷ Aqui concretamos o que diz no *Estatuto* da POM: “Que seja bem utilizado os meios próprios, servindo-se bem das estruturas já existentes na catequese, a POSI tem de ser integrar sempre na pastoral de conjunto para a

iniciáticos, típicos do Catecumenato ou de uma catequese de inspiração catecumenal, contemplem não só a dimensão missionária essencial da fé cristã, mas também a atenção à missão da Igreja para além dos limites diocesanos. E, ao mesmo tempo, permitirá à Obra enraizar o seu trabalho formativo e o seu serviço à missão nos processos pelos quais as dioceses engendram crianças e adolescentes na fé.

3.- A contribuição para a missão das crianças e adolescentes da Infância Missionária

A Santa Infância ou Infância Missionária é uma das Pontifícias Obras e, tal como as suas irmãs, procura favorecer a participação dos seus membros na missão evangelizadora da Igreja, promovendo ações simples entre eles. Esta simplicidade é - como o Papa Francisco enfatiza - um traço característico das quatro Obras:

“As Sociedades Missionárias, desde o início, avançaram por dois 'binários' ou, melhor dizendo, por dois caminhos sempre paralelos e que, na sua simplicidade, sempre foram familiares ao coração do Povo de Deus: a oração e a caridade, sob a forma de esmola, que 'livra da morte e purifica do pecado' (Tb

educação cristã, a qual aporta a dimensão missionária” (Congregação para a Evangelização dos Povos, *Estatuto das Obras Missionárias Pontifícias* (2005), Parte II, Normas, nº. 14).

12,9), ‘amor intenso’ que ‘cobre uma multidão de pecados’ (cf. 1P 4,8)”.⁶⁸

Com efeito, esta simplicidade nos meios de comunicação é precisamente o que encoraja Dom de Forbin-Janson a incorporar as crianças à missão eclesial não apenas como destinatários, mas como sujeitos ativos.⁶⁹ Desta forma, adaptando-se à sua idade e às suas forças, o Bispo de Nancy propôs que as crianças participassem na missão de resgate que se realizava em terras longínquas.⁷⁰ Ele lhes pediu que fizessem uma oração diária, que sacrificassem alguma guloseima para poder economizar, mesmo que fosse apenas um centavo, e que contribuíssem com uma mensalidade para poder cobrir as necessidades espirituais e materiais de seus irmãos necessitados. O melhor antídoto para não reduzir a Obra das Crianças Missionárias a uma mera associação de ajuda humanitária é entender o valor desses três elementos e observar sua articulação interna.⁷¹ Além disso, esta mesma compreensão facilitará às crianças e aos adolescentes a vivência destes três sinais como caminhos concretos para exercer e desenvolver o espírito missionário e avançar no caminho da santidade.

⁶⁸ Cf. FRANCISCO, *Mensagem as Pontifícias Obras Missionárias* (21-V-2020).

⁶⁹ Cf. RAFAEL SANTOS BARBA (2017), 681-682.

⁷⁰ Aqui nos convém relembrar a afirmação do Concílio: “Também as crianças têm uma atividade apostólica própria. Segundo sua capacidade, são verdadeiras testemunhas viventes de Cristo entre seus companheiros.” (CONCÍLIO VATICANO II, *Decreto sobre o apostolado dos leigos* *Apostolicam actuositatem* [18-XI-1965] 12d). Com mais de um século antes dessa declaração, a Santa Infância ofereceu um canal concreto para a atividade apostólica própria das crianças.

⁷¹ Cf. R. TREMARELLI (2018), “Los niños en el mundo”: *Misiones extranjeras* 283, 283-289.

3.1.- Oração

Não há dúvida de que a oração diária pelas missões é muito mais do que um ato piedoso. Tem um significado extraordinário e é precisamente o que infunde o espírito evangelizador à participação das crianças e adolescentes na Obra. As crianças se sentem unidas a Jesus pela fé. Nele e com Ele são reconhecidos filhos de Deus Pai e irmãos de todos os homens. Sua conexão com Cristo os tornou apaixonados pela missão que receberam do Pai. Querem colaborar com Ele na reunião de toda a humanidade em uma única família e para que o reino de Deus seja estabelecido na terra. Mas os “mais pequenos” sabem que a maioria das crianças do mundo ainda não conhece Jesus e que sua missão de reunir a família de Deus está longe de ser uma realidade. Eles também estão cientes de que o reino de Deus é rejeitado, o que produz muitas injustiças e sofrimentos em todos os lugares. As condições em que vive grande parte da humanidade não são típicas da dignidade humana. Muitos homens não sabem que são filhos de Deus e não se tratam como irmãos.

As crianças e adolescentes da Infância Missionária são capazes de sentir com dor aquele grande contraste entre os planos de Deus e uma humanidade que caminha sem destino. Eles são especialmente sensíveis à injustiça de muitas crianças no mundo.⁷² Os animadores da Obra convidam-no a unir-se a

⁷² Pelos 150 anos da fundação da Obra da Santa Infância, São João Paulo II fez uma enumeração das novas calamidades que as crianças padecem atualmente. “Ímensas desgraças nos levam a lançar um grito de socorro. Onde está o Amor para aqueles a quem é negado o direito de viver? Para aqueles que são mortos, mutilados ou encarcerados porque vagam pelas cidades? Para aqueles, muito jovens, que são explorados em trabalhos

Jesus para, junto com ele, dirigir-se ao Pai e pedir-lhe que faça a sua providência e faça sentir o seu amor. Na verdade, acima de tudo, a oração diária atualiza a união que as crianças têm com Jesus por meio do batismo e lhes dá um sentido espiritual das coisas. É por meio dela que sua fé se ilumina e sua relação com Jesus se torna uma realidade viva e cotidiana. Os pequenos falam com Jesus, experimentam com ele “as suas coisas”, mas aos poucos vão aprendendo que “os negócios do Pai de Jesus” também são deles. Além disso, ao falar com Jesus, eles não terão medo de falar sobre Jesus com outras pessoas e será até mesmo fácil para eles fazê-lo. A oração é a fonte da “missionariedade”.

A partir desta comunhão com o seu irmão mais velho, o Filho do Pai, e sabendo que as suas capacidades e as da Igreja se limitam para enfrentar os desafios da missão, dirigem com fé a sua oração, na esperança de que seja o próprio Deus quem faz seu trabalho. A oração quotidiana - assim vivida - tem o poder de transformar os sentimentos de indignação e solidariedade que as crianças podem sentir em expressão de confiança num Deus que, tal como se manifesta na Páscoa de Jesus, nunca abandona os seus filhos. Em última análise, a prática da oração ajuda as crianças a esperar tudo da graça divina.

forçados ou no comércio de perversão? Para aquelas famílias jogadas em rotas de exílio, para aquelas que são obrigadas a portar armas? Onde está o Amor para aqueles que ficam sem educação escolar e condenados ao analfabetismo? Onde está o Amor para aqueles cujas famílias estão quebradas ou deslocadas? Que esperança pode ter crianças presas ao materialismo, privadas de despertar e iniciação à vida moral e religiosa?” (JOÃO PAULO II, *Discurso aos Diretores da POM em ocasião do 150º aniversário da instituição da Pontifícia Obra da Infância Missionária*. [6-V-1993] 4).

3.2.- *Esmola*

A esmola é a segunda forma pela qual as crianças e adolescentes podem progredir no espírito missionário. De fato, para eles deve ser uma forma muito concreta de expressar seu grau de envolvimento na missão da Igreja e de exercer o amor fraterno em favor dos irmãos de terras distantes. Esta perspectiva deve ser trabalhada de forma permanente, porque, em torno da esmola, existe a tentação de reduzir o seu significado a uma simples colaboração econômica ou, se quisermos, a um mero gesto de solidariedade. Na verdade, para além do valor monetário da contribuição, a esmola das crianças e dos adolescentes tem uma componente simbólica, quase sacramental. De certa forma, é uma extensão de sua oração, a forma de especificar e autenticar aqueles sentimentos de compaixão e fraternidade que cultivaram com Jesus e orientaram o Pai a agir providencialmente.⁷³ Oferecem a sua pequena contribuição - os seus cinco pães e dois peixes - para que a Igreja os leve aonde for preciso, esperando a misericórdia divina para os multiplicar e ir ao encontro das necessidades dos seus irmãos. Assim, nascida dos desejos de fraternidade desenvolvidos na oração, a contribuição econômica é o meio concreto pelo qual as crianças e os adolescentes podem contribuir para que Deus reúna sua família ao redor de seu Filho Jesus.

Na lógica da Infância Missionária, a contribuição econômica dos filhos supõe um grau de cumplicidade com o próprio Deus, significativo e exemplar para toda a Igreja.

⁷³ Cf. JOÃO PAULO II, *Carta encíclica Redemptoris Missio* (7-XII-1990) 81b.

Como vimos acima, o próprio Bispo de Forbin-Janson destacou isso. As modestas contribuições dos filhos são eficazes, não tanto pelo valor final, mas porque, junto com a oração, induzem a Deus a prover misericordiosamente para seus filhos necessitados. Assim, as crianças mostram que os frutos missionários nunca se alcançam pelo esforço da Igreja, mas que, seja qual for a contribuição das comunidades cristãs, devem recebê-los sempre das mãos de Deus. Mas, ao mesmo tempo, Deus quis contar com a contribuição das crianças - e da Igreja em geral - para que não fiquem indiferentes à marcha do mundo, se sintam desafiados pela situação dos seus semelhantes, se envolvam no seu projeto salvador e colabore com ele, de acordo com suas possibilidades.

3.3.- O estilo de vida cristão

A terceira forma de as crianças crescerem no espírito missionário e se envolverem na missão é o estilo de vida cristão. Com esta fórmula queremos recolher e renovar o que está incluído na expressão clássica de “sacrifício pelas missões.” A Obra da Santa Infância nasceu com vocação geral. Desde o início, não apenas crianças de famílias nobres e da burguesia estavam envolvidas: crianças de famílias humildes também estavam envolvidas, incluindo crianças de asilos administrados por religiosos e religiosas.⁷⁴ Todos tinham o

⁷⁴ Neste sentido, o bispo de Nancy conta uma história de como uns jovens, mesmo com falta de recursos econômicos, puderam “compensar a falta de dinheiro com o trabalho manual ativo e assíduo de dois dias de férias” (FORBIN-JANSON [1844], 128 [nota 1]).

compromisso de contribuir “com uma cota igual e razoável para que esteja ao alcance dos pobres, dando a estes o consolo, e aos ricos a honra desta Associação e desta igualdade de sacrifícios.”⁷⁵ Para muitas crianças, a contribuição dessa cota implicou em renúncias e sacrifícios, que fizeram como expressão de amor e fraternidade para com os irmãos mais necessitados. Nesse sentido, às crianças de famílias abastadas foi solicitada uma contribuição extraordinária que deveriam dar na arrecadação anual. O critério último não era arrecadar mais dinheiro, mas expressar uma maior identificação com seus irmãos pobres aqui e ali. Em todo caso, a esmola envolvia sacrifícios, ou seja, que os filhos renunciassem a algo próprio⁷⁶ e, de certa forma, entregassem-se na doação que davam. Renúncia, rendição e honorários andaram de mãos dadas.

Sim, as crianças e os adolescentes têm amizade com Jesus, o Filho-Filho de Deus; unidos a ele, na oração tratam com o Pai comum e têm em mente seus irmãos de terras distantes, com suas necessidades espirituais e materiais. Eles se conscientizam das diferentes formas de vida que existem entre eles e seus irmãos. Os testemunhos de vida que deles recebem fazem com que percebam e sirvam de incentivo. De certa forma, movidos por sentimentos de piedade e fraternidade, desejam imitar o Filho de Deus em sua encarnação. Querem ser semelhantes a Jesus, renunciar a algo próprio para que seus irmãos saibam que são amados e acompanhados. É o dinamismo do amor. Daqui surge um novo estilo de vida que passa a se assemelhar tanto quanto possível a Jesus, a ir aos

⁷⁵ Cf. FORBIN-JANSON (1844), 130.

⁷⁶ O fundador da Santa Infância fala de “inspirar-lhes o desapego do luxo”; cf. FORBIN-JANSON (1844), 128.

poucos sentindo-se como Ele, pensando como Ele, agindo como Ele, comprometendo-nos como Ele no anúncio do Evangelho e no serviço ao Reino de Deus.⁷⁷

Desde o início, a Obra da Infância Missionária ajuda as crianças e adolescentes associados a descobrirem que a sua intimidade com Jesus é uma intimidade itinerante e que a comunhão com Ele se configura como comunhão missionária.⁷⁸ Ou seja, que o espírito missionário cresça e se fortaleça sendo discípulo de Jesus e, ao mesmo tempo, seja verdadeiro discípulo quando, com Jesus, se participa da missão de dar testemunho do amor do Pai a todos que sofrem sua ausência e não o conhecem.

4.- Infância espiritual, espiritualidade própria dos animadores da Infância Missionária

Como observamos, a Obra da Infância Missionária é estimulada por uma iniciativa carismática própria, que se torna verde na medida em que se enraíza no carisma missionário comum das Pontifícias Obras Missionárias. Este sopro carismático - dom autêntico do Espírito - é dado precisamente por sua referência à Santa Infância. Jesus, o Filho-Filho de Deus, manifesta que os valores próprios da infância não só foram assumidos na sua encarnação, mas se desenvolveram ao longo da sua vida como forma adequada de responder filialmente ao amor do Pai e de Deus para dar a abnegação

⁷⁷ Cf. JOÃO PAULO II (1979), *Exortação apostólica* Catechesi Tradendae (16-X-1979), 20; também, CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A NOVA EVANGELIZAÇÃO (2020), *Diretório para a Catequese*, 75-78.

⁷⁸ Cf. FRANCISCO (2013), *Exortação apostólica* Evangelii Gaudium 23.

fraterna aos homens, seus irmãos. Nesta perspectiva, o carisma que define a Santa Infância não diz respeito apenas às crianças e aos adolescentes: é também referência e fonte de espiritualidade para todos aqueles - animadores, sacerdotes, catequistas, pais... - que os acompanham no seu caminho de amadurecimento, na fé e no compromisso missionário.

4.1.- Chamados a trilhar os caminhos da infância espiritual

O animador da Santa Infância deve considerar que aquelas palavras que Jesus dirigiu aos seus discípulos têm especial prevalência e significado para ele: “dos que são semelhantes a eles [os filhos] é o reino dos céus” (Mt 19,14b); “Em verdade vos digo: se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, não entrareis no reino dos céus” (Mt 18,3). A condição de Jesus é firme: é preciso tornar-se “como uma criança” para entrar no Reino que Deus quer dar como graça. Mas como ser criança se a experiência de vida, a idade, a vaidade, a decepção... deixaram sua marca? Seria uma caricatura das palavras de Jesus se alguém pensasse que os discípulos estão sendo chamados a se infantilizar e regredir ao comportamento e fraqueza da infância.⁷⁹

Jesus indica claramente a verdadeira condição para se tornar “como crianças”: converter-se. Ou seja, deixe sua própria autossuficiência, qualquer indício de orgulho e

⁷⁹ Cf. BENTO XV (1921), “Discurso sobre o Decreto que reconhece as virtudes heroicas de Santa Terezinha do Menino Jesus” (14-VIII-1921): ASS 13, 449-452. Este texto, do qual fala pela primeira vez da “infância espiritual”, resulta muito instrutivo para o que diremos mais tarde.

justificativa - mesmo em nome de Deus - e olhe para ele, viva em sua presença, abra-se à sua graça, submeta-se à sua vontade...; enfim, tornar-se crianças que esperam tudo de quem os conhece e ama. Não há dúvida de que a convivência que os animadores têm com as crianças e adolescentes da Obra os ajudará a detectar neles aquelas atitudes inatas que os tornam recipientes privilegiados dos favores divinos, e o trabalho educativo que realizam com eles os favorecerá, que essas atitudes são esculpidas em sua própria vida. A própria pastoral, desde que seja inspirada no Evangelho e vivida como verdadeiro serviço a Deus e aos irmãos, é fonte de graça para quem a realiza.

Porém, na Igreja existe um caminho espiritual muito familiar à Obra da Santa Infância: a “infância espiritual”. Com efeito, o bispo de Forbin-Janson participa de uma tendência espiritual que, desde a primeira metade do século XVI, estava profundamente enraizada em sua França natal: a devoção à infância de Jesus.⁸⁰ Pois bem: esta devoção, que inspirará o nome da obra por ele criada, deu os seus maiores frutos em Santa Teresa do Menino Jesus. A pequena Teresa Martín, aos 9 anos (em 12 de janeiro de 1882), foi inscrita na Santa Infância. A devoção à Infância de Jesus - como demonstra o seu nome religioso-, junto com o encorajamento missionário que recebeu da Obra criada pelo Bispo de Nancy, cristalizou-se nesta santa carmelita de uma forma “pequenina”: a infância espiritual.

Este “pequeno caminho” tem sido constantemente reconhecido e promovido pelos sucessivos papas e proposto a todo o Povo de Deus como um caminho seguro e fácil para

⁸⁰ Cf. PONTIFICIUM OPUS A SANCTA INFANTIA (2008), *Crianças ajudando crianças, História e carisma*, 24-29.

avançar no caminho da santidade. Mas, além disso, esta proposta tem um significado especial para a atividade missionária da Igreja. Em 1927, Pio XI, o “Papa das Missões”, proclamou Santa Teresa do Menino Jesus, junto com São Francisco Xavier, Padroeira das Missões.⁸¹ E nos Estatutos da Santa Infância de 1950, após indicar que o “Padroeiro e Exemplo” desta Obra é o Menino Jesus, ela aparece entre os santos padroeiros da Obra, depois da Bem-Aventurada Virgem Maria e de São José.⁸² Deste modo, pode-se dizer que o caminho da infância espiritual é, para os animadores e demais colaboradores da Infância Missionária, não só um meio que o Espírito tem suscitado para facilitar o acompanhamento das crianças e adolescentes envolvidos na Obra, mas também o caminho pelo qual eles próprios são introduzidos nos segredos do Reino e avançam na sua vocação à santidade.

4.2.- Alguns elementos da infância espiritual

Não é fácil resumir os elementos centrais que articulam o “pequeno caminho da infância espiritual”. Seria necessário aproximar-se com dedicação e atenção dos escritos de Santa Teresa do Menino Jesus; precisaríamos até de um comentário para penetrar no sentido de seus textos e na conexão que eles têm com seu próprio itinerário de vida. No entanto, um documento magistral de São João Paulo II, a Carta

⁸¹ Cf. Pío XI (1928), *Decreto* (14-XII-1927): AAS 20, 147s.

⁸² OBRA PONTIFICIA DE LA SANTA INFANCIA (1950), *Estatutos de la Obra*, Artigo III: Santos Patronos da Obra.

Apostólica com a qual é declarada Doutora da Igreja⁸³, ajudamos a fazer uma primeira abordagem e oferece-nos algumas chaves para iniciarmos uma leitura direta da obra desta professora de vida espiritual e missionária.

Embora a sua forma de se exprimir esteja condicionada pela sua educação e pela cultura do seu tempo, não há dúvida de que “Teresa se apresenta como uma autêntica mestra da fé e da vida cristã.”⁸⁴ Agraciados por Deus, os seus escritos são capazes de abrir os caminhos que nos introduzem no próprio Mistério do Amor de Deus, do Deus Trindade, e a partir daí, unidos a seu filho Jesus, tornamo-nos seus missionários a favor da humanidade. João Paulo II expressa isso nos seguintes termos:

“No topo, como fonte e fim, o amor misericordioso das três Pessoas divinas, como ela o exprime, especialmente no seu Ato de consagração ao Amor misericordioso. Por parte do sujeito, na base está a experiência de ser filhos adotivos do Pai em Jesus; Este é o significado mais autêntico da infância espiritual, isto é, a experiência da filiação divina sob o impulso do Espírito Santo. Também na base, e diante de nós, está o nosso próximo, os outros, em cuja salvação devemos colaborar com Jesus e nele, com o seu mesmo amor misericordioso.”⁸⁵

⁸³ JOÃO PAULO II (1998), *Carta apostólica Divini amoris scientia, com a que se declara doutora da Igreja universal a Santa Teresinha do Menino Jesus e da Sagrada Face* (19-X-1997): AAS 90, 930-944.

⁸⁴ *Ibidem*, 8a.

⁸⁵ *Ibidem*, 8e.

Com efeito, em Teresa tudo flui do amor misericordioso de Deus Trindade e tudo fluirá para ele. Sob o impulso do Espírito Santo, ela se sentiu unida a Jesus, o Filho de Deus, reconheceu-se como filha adotiva do Pai e fez a experiência da filiação divina. Este é o sentido mais autêntico da infância espiritual, que na verdade se define como um caminho pelo qual se avança no espírito de filiação. Mas a união com Jesus, junto com a experiência da misericórdia do Pai, a levaram a colaborar com Ele e n'Ele para que este amor chegue a todos os homens - sejam os próximos ou os distantes - porque todos são reconhecidos como irmãos.

Este mistério do amor de Deus, não conhecido de fora nem afirmado teoricamente, mas vivido desde a intimidade que participa da filiação divina de Jesus, é o fundamento que move toda a atividade dos animadores da Infância Missionária e, também, é o horizonte para o qual acompanha as crianças da Escola de Jesus. O lema da vida de clausura de Santa Teresinha bem poderia ser o lema que os animava: “amar Jesus e fazê-lo amar”;⁸⁶ ou dito nos termos de sua oferta ao amor misericordioso: “Oh meu Deus, Santíssima Trindade! Eu quero te amar e fazer você ser amado.”⁸⁷

Tudo se expande deste centro que constitui o amor de Deus desvendado no rosto desfigurado de Jesus - o Santo Rosto que Teresa do Menino Jesus acrescenta ao seu nome. A própria Teresa o experimenta no trabalho de acompanhar as noviças que lhe foram confiadas. No caminho da infância espiritual “penetra cada vez mais no mistério da Igreja e, atraída pelo

⁸⁶ TERESA DE LISIEUX, “Carta 220, 2r”, en: *Obras completas*.

⁸⁷ TERESA DE LISIEUX, “Oferenda de mim mesma como vítima de holocausto ao amor misericordioso de Deus”, em: *Obras completas*.

amor de Cristo, sente crescer em si mesma a sua vocação apostólica e missionária, o que a leva a conduzir todos ao encontro com Ele. Divino esposo.”⁸⁸ Os animadores da Infância Missionária veem no mistério da Igreja o lugar sacramental onde podem experimentar a comunhão divina e no seu coração eucarístico - onde bate o amor de Jesus Cristo - o impulso de doar-se e de despertar esse mesmo desejo de entrega nas crianças que confiaram. Quão bem Teresa compreendeu que a vocação missionária nasce no seio da Igreja! Como descobriu que precisamente a sua fraqueza facilitou o cumprimento daquela vocação!

“Depois, no limite da minha alegria delirante, exclamei: Jesus, meu amor..., finalmente encontrei a minha vocação! O amor é a minha vocação...! Eu sou apenas uma garota, indefesa e fraca. No entanto, é precisamente a minha fraqueza que me dá a audácia de me oferecer como vítima do teu amor, ó Jesus!”⁸⁹

Confiar no amor misericordioso de Deus e desejar reproduzir o caráter filial de Jesus: é isso que leva Teresa a devolver tudo a Deus, entregando-se a si mesma. Ela se oferece como vítima do amor e, assim, se coloca nas mãos do Pai para que Ele faça a sua obra, não apesar do seu desamparo e da sua fraqueza, mas precisamente por aquilo que a constitui como

⁸⁸ JOÃO PAULO II (1998), *Carta apostólica* Divini amoris scientia, 5d.

⁸⁹ TERESA DE LISIEUX, “Manuscrito B – IX, 3v”, em: *Obras completas*. Para penetrar neste dinamismo de entrega de amor, seria conveniente atender a recomendação que nos faz São João Paulo II: “No Manuscrito C encontramos as mais lindas páginas, dedicadas ao abandono confiado nas mãos de Deus, a unidade entre o amor a Deus e o amor ao próximo, e sua vocação missionária na Igreja” (JOÃO PAULO II [1998], *Carta apostólica* Divini amoris scientia, 6d).

pobre instrumento. Para verificar o alcance dessa atitude teológica, é especialmente luminoso reproduzir um texto de Bento XV, o primeiro Papa que cantou as excelências da infância espiritual:

“A infância espiritual se forma pela confiança em Deus e pelo abandono cego em suas mãos. Não é inútil sublinhar as qualidades desta infância espiritual, seja no que exclui, seja no que supõe. Exclui, de fato, o sentimento arrogante de si mesmo, a presunção de poder alcançar por meios humanos o fim sobrenatural e o desejo vão de querer ser autossuficiente na hora do perigo e da tentação. Por outro lado, supõe uma fé viva na existência de Deus, um reconhecimento concreto de seu poder e misericórdia, um recurso confiado à Providência d’Aquele que nos concede a graça de evitar todo o mal e obter todo o bem [...] É necessário concluir que o divino Mestre insiste expressamente que seus discípulos vejam, na infância espiritual, a condição necessária para obter a vida eterna.”⁹⁰

Apesar dos anos, este texto tem um valor evidente para os animadores da Obra da Santa Infância. É um convite a adquirir um estilo de vida que, ao manifestar a sua confiança no amor misericordioso de Deus Trindade, crie as disposições para serem verdadeiramente missionários; isto é, permitir que Deus universalize a obra salvífica realizada por seu Filho Jesus

⁹⁰ Cf. BENTO XV (1921), “Discurso sobre o Decreto que reconhece as virtudes heroicas de Santa Terezinha do Menino Jesus” (14-VIII-1921): ASS 13, 449-452.

em favor de todos os homens. Se os animadores e outros colaboradores da Infância Missionária viverem com esta atitude, não há dúvida de que serão verdadeiras testemunhas para as crianças que participam da Obra e encorajamento para que também elas se envolvam na missão eclesial.

Conclusão

Terminamos o nosso percurso pela história, carisma e espiritualidade da Obra da Infância Missionária com uma citação de São João Paulo II. A ocasião do texto é uma visita do Papa polonês ao Carmelo de Liseux. O parágrafo que trazemos ao final de nossa exposição tem uma densidade teológica indiscutível, mas tem a virtude de sintetizar o núcleo essencial de tudo o que expusemos. Com efeito, à luz da vida e da obra de Santa Teresa de Lisieux, relaciona a infância, a infância espiritual e a participação na missão, na Missão da Santíssima Trindade em favor da humanidade:

“Ter confiança em Deus como Teresa de Lisieux significa seguir o 'pequeno caminho' através do qual o Espírito de Deus nos guia: Ele sempre nos guia para a grandeza da qual participam os filhos e filhas da adoção divina. Ainda criança, de doze anos, o Filho de Deus disse que a sua vocação era cuidar das coisas do Pai (cf. Lc 2,49). Ser criança, tornar-se criança, significa entrar no próprio centro da missão maior para a qual o homem é chamado por Cristo, missão que penetra no próprio coração do homem. Teresa sabia disso perfeitamente. Esta missão tem sua origem no amor eterno do Pai. O Filho de Deus como homem, de forma visível e ‘histórica’, e o Espírito Santo, de forma invisível e ‘carismática’, o realizam na história. Quando, *no momento de abandonar o mundo*, Cristo diz aos Apóstolos: ‘Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a todas as criaturas’ (Mc 16,15), pela força

do seu mistério pascal, ele os insere no grande fluxo de missão eterna. A partir do momento em que os deixou para ir para o Pai, ao mesmo tempo ele começa a vir ‘novamente na força do Espírito Santo’ que o Pai envia em seu nome. O Concílio Vaticano II trouxe esta verdade à tona na consciência de nossa geração mais profundamente do que todas as outras verdades sobre a Igreja. Graças a isso, todos nós compreendemos melhor que a Igreja está constantemente ‘em estado de missão’, o que significa que toda a Igreja é missionária. Também compreendemos melhor este mistério particular do coração de Teresa de Lisieux, que, através do seu ‘pequeno caminho’, foi chamada a participar da missão suprema de forma plena e fecunda. Precisamente esta ‘pequenez’ que tanto amou, a pequenez da criança, generosamente lhe abriu toda a grandeza da missão divina de salvação, que é a missão eterna da Igreja.⁹¹

⁹¹ JOÃO PAULO II (1980), *Homilia na Basílica de Santa Terezinha do Menino Jesus em Lisieux* (2-VI-1980) 3.

Autores

Juan Carlos Carvajal Blanco (Carriches, Toledo, 1961) é um sacerdote da diocese de Madrid. Tem um diploma em ensino, uma láurea em teologia catequética e um doutoramento em teologia sistemática. É docente na Faculdade de Teologia da Universidade Eclesiástica de San Dâmaso (Madrid), coordenador do Departamento de Teologia da Evangelização e Catequese e diretor da revista *Theología y Catequesis*. Escreveu vários livros e colabora em várias revistas pastorais e de catequese. Está especialmente empenhado em encorajar a ação missionária direta, promovendo a catequese iniciática e orientando a ação catequética que introduz as pessoas na experiência espiritual do Mistério Cristão.

Rafael Santos Barba (Madrid, 1968) é filólogo e editor, trabalha há cerca de 20 anos na Direção Nacional das Obras Missionárias Pontifícias em Espanha, de cuja revista missionária de pastoral, *Illuminare*, é editor desde 2013. Participou na preparação de uma antologia em três volumes acerca do Magistério Pontifício contemporâneo sobre as missões (BAC, 2008, 2011 e 2014) e escreveu secções dos livros publicados pelas OMPs: *Carisma y misión* (Edice, 2011), *De la fe a la misión* (BAC, 2013), *Llamados a la misión* (BAC, 2014) e *Los carteles del Domund. 1941-2015* (PPC, 2015). Também publicou artigos em várias revistas missionárias e tem sido orador em reuniões do OMP em Espanha.



Monsenhor Charles de Forbin-Janson
(1785 - 1844)
Fundador da Obra da Santa Infância

